



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Maria Eduarda Padilha Giamatthey

Processo de Luto diante da Ausência de Ritual Fúnebre na Pandemia da COVID-19: análise documental jornalismo *online*

Florianópolis

2020

Maria Eduarda Padilha Giamatthey

Processo de Luto diante da Ausência de Ritual Fúnebre na Pandemia da COVID-19: análise documental jornalismo *online*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre no Curso de Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial na área de concentração Atenção e Reabilitação Psicossocial.

Orientadora: Profa. Dra. Joselma Tavares Frutuoso

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Giamattey, Maria Eduarda Padilha

Processo de Luto diante da Ausência de Ritual Fúnebre na Pandemia da COVID-19: análise documental jornalismo online / Maria Eduarda Padilha Giamattey ; orientador, Joselma Tavares Frutuoso, 2020.

62 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. 2. Luto. 3. Rituais de despedida/fúnebres. 4. Saúde mental. 5. Pandemia. I. Frutuoso, Joselma Tavares. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental e Atenção Psicossocial. III. Título.

Maria Eduarda Padilha Giamatthey

**Processo de Luto diante da Ausência de Ritual Fúnebre na Pandemia da COVID-19:
análise documental jornalismo *online***

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa Dra. Joselma Tavares Frutuoso
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa Dra. Ivania Jann Luna
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Maria Ligia dos Reis Bellaguarda
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa Dra. Joselma Tavares Frutuoso
Orientador(a)

Florianópolis, 2020.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a instituição da Universidade Federal de Santa Catarina pelo acolhimento tanto no período da Graduação em Psicologia quanto ao longo deste Mestrado Profissional em Saúde Mental. Por todos esses anos ter se mantido como um espaço de resistência e referência em educação pública e pesquisa em um país que investe cada vez menos em ambos.

Agradeço a professora Dr^a Joselma Tavares Frutuoso por ter me auxiliado e conduzido em nossa (primeira) pesquisa no início do mestrado e agora por ter bancado minha idéia de mudança de temática faltando seis meses para a defesa da dissertação. Pela confiança em mim, eu sou grata.

Agradeço a banca avaliadora desta dissertação pela disponibilidade e presença nessa defesa.

Agradeço a minha mãe, Maria Itayra, pelo apoio nesses dois anos de pesquisa, horas como mãe, horas como pesquisadora e por nunca ter me deixado desistir, por mais que eu quisesse. Agradeço ao meu pai, João Luiz, por sempre ter estado presente em todos os momentos altos e baixos deste tortuoso percurso.

Este caminho eu não andei sozinha e por isso sou agradecida a todas as pessoas especiais que, de uma forma ou de outra, trilharam ele comigo. Sem vocês, a caminhada teria sido muito mais pesada do que realmente foi. Começo agradecendo minhas amigas de todos os momentos, Elisa e Azânia, por sempre terem acreditado em mim e no meu potencial como pessoa e profissional, além de me fazerem sentir menos sozinha nesse caminho, relativizando preocupações e as transformando em risadas e afeto. Marina, te agradeço por ter fé em mim não só neste momento mas em todos os momentos desses 24 anos de amizade. Agradeço ao Ricardo por sempre ter se disponibilizado a ler o que eu escrevo, tanto na época da Graduação quanto agora, e por oferecer genuíno suporte quando eu mais precisei. Obrigada a toda a turma de amigos que fiz na Graduação de Psicologia, que mesmo fisicamente longe, estão sempre por perto em ensinamentos, boas lembranças e amor. Agradeço ao Marco, amigo que a vida me deu e que esteve comigo em todo esse caminho com seu humor, parceria, apoio e gin tônicas. Agradeço a Amanda, amiga que a vida aproximou e que me acolheu diversas vezes com uma taça de vinho e afeto ilimitado, me mostrando com sabedoria que viver o mestrado não significa viver para o mestrado.

Charley, você nunca deixou de acreditar na minha capacidade de produzir algo bom o suficiente. Obrigada por não ter me deixado desistir do mestrado por mais que eu tentasse

convencê-lo do contrário. Pelo seu amor e apoio, presentes nas minhas diversas formas, eu agradeço com todo o meu coração.

Por último, mas não menos importante, agradeço a Ana Maria. Aquela que cuidou da minha saúde mental enquanto eu tentava escrever sobre saúde mental.

RESUMO

Em uma pandemia, vivenciamos tanto as perdas de vidas humanas, quanto as perdas de empregos, de conexões sociais presenciais e rotinas. Estamos vivendo diferentes formas de luto em larga escala social. Este cenário aliado ao distanciamento social, necessário para a contenção do contágio da doença, leva à suspensão ou ausência de estratégias tradicionais de luto e rituais de despedidas. O objetivo deste estudo foi compreender como a ausência de ritual fúnebre impacta no processo de viver o luto das famílias brasileiras vítimas da COVID-19. Pesquisa qualitativa de cunho documental, foram utilizados três jornais, dois brasileiros, de grande circulação disponibilizados *online*: a "Folha de São Paulo" e "O Globo", e um terceiro jornal exclusivamente *online*: "El País" que tem cobertura no Brasil, outros países da América Latina e Iberoamérica. Jornalismo *online* é diferente de jornal científico ou periódicos e revistas científicas *online*, as reportagens dos primeiros atingem uma faixa mais ampla da sociedade, os artigos científicos é mais restrito a comunidade acadêmica e pesquisadores. O processo de subjetivação da população sobre o impacto psicológico da COVID-19 é construído em parte com o conteúdo das reportagens e esta pesquisa analisa os resultados vinculados aos trechos das reportagens dos três jornais, construindo um diálogo entre o saber científico e o popular sobre o impacto da pandemia. Foram analisadas 67 reportagens, divididas em três macro categorias: A primeira categoria trata das reportagens relativas à sofrimentos psicológicos derivados do isolamento social, na qual identificamos quatro grupos de sofrimentos psicológicos recorrentes: ansiedade; depressão; solidão; medo. A segunda categoria trata de rituais fúnebres em contexto de isolamento social. Nesta analisamos as novas formas de velar e impossibilidade de velório. A terceira categoria trata das diferentes manifestações do luto e discutimos sobre o efeito psicológico das perdas em meio à pandemia. A ritualização da morte é indissociável do processo de elaboração das perdas e procuramos mostrar nessa pesquisa, como a ausência de rituais fúnebres aliado ao distanciamento social podem repercutir por gerações e de forma desafiadora para a sociedade e para os profissionais em saúde mental. Estratégias não-presenciais de demonstrar afeto, elaborar a perda, está 'presente' *online* pode amenizar o isolamento imposto pela pandemia. Entretanto, não é possível saber quais serão as consequências das ausências deixadas nos processos para a elaboração do luto que, como pontuamos, já começa antes da morte em si. No campo da saúde mental, salientamos estratégias de intervenções possíveis, são elas: rituais coletivos via videoconferência, incentivando a rede afetiva a expressar seus sentimentos; telefonemas; mensagens e áudios também configuram-se como alternativas viáveis para manifestações de condolências e compartilhamento de afeto e

memórias sobre a pessoa que faleceu, além de grupos de apoio *online* à pessoas enlutadas. Diante de um novo cenário que ainda não podemos definir qual será, destacamos a importância de investir em novas estratégias de cuidado e acolhimento em meio a pandemia.

Descritores: Luto. Rituais de despedida/fúnebres. Sofrimento psíquico. Saúde mental. Pandemia.

ABSTRACT

In a pandemic, we experience both the loss of human life and the loss of jobs, in-person social connections and routines. We are experiencing different forms of mourning on a large social scale. This scenario combined with the social distance, necessary to contain the contagion of the disease, leads to the suspension or absence of traditional mourning strategies and farewell rituals. The aim of this study was to understand how the absence of funeral ritual impacts the process of experiencing the mourning of Brazilian families victims of COVID-19. Qualitative research of documentary nature, three newspapers, two Brazilian ones, of great circulation available online were used: "Folha de São Paulo" and "O Globo", and a third newspaper exclusively online: "El País" that has coverage in Brazil, other countries in Latin America and Iberoamerica. Online journalism is different from scientific journals or journals and online scientific journals, the reports of the former reach a wider range of society, scientific articles are more restricted to the academic community and researchers. The process of subjectification of the population on the psychological impact of COVID-19 is built in part with the content of the reports and this research analyzes the results linked to excerpts from the reports of the three newspapers, building a dialogue between scientific and popular knowledge about the subject. pandemic impact. 67 reports were analyzed, divided into three macro categories: The first category deals with reports related to psychological suffering derived from social isolation, in which we identified four groups of recurrent psychological suffering: anxiety; depression; loneliness; fear. The second category deals with funeral rituals in the context of social isolation. In this we analyze the new ways of watching and impossibility of wake. The third category deals with the different manifestations of mourning and we discuss the psychological effect of losses in the midst of the pandemic. The ritualization of death is inseparable from the process of elaborating losses and we seek to show in this research, how the absence of funeral rituals combined with social distance can have repercussions for generations and in a challenging way for society and for mental health professionals. Non-face-to-face strategies to show affection, elaborate the loss, is 'present' online can ease the isolation imposed by the pandemic. However, it is not possible to know what will be the consequences of the absences left in the processes for the elaboration of mourning, which, as we have pointed out, already begins before death itself. In the field of mental health, we highlight strategies for possible interventions, which are: collective rituals via videoconference, encouraging the affective network to express their feelings; phone calls; messages and audios are also viable alternatives for expressions of condolence and sharing of affection and memories about the person who died, in addition to online support

groups for bereaved people. Faced with a new scenario that we cannot yet define what it will be, we emphasize the importance of investing in new care and reception strategies in the midst of the pandemic.

Descriptors: Mourning. Farewell/funeral rituals. Psychic suffering. Mental health. Pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O resultado final das três fontes utilizadas com a quantidade de reportagens selecionadas e excluídas para esta pesquisa.	34
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONEP-MS Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde

OMS Organização Mundial de Saúde

SARS Síndrome Respiratória Aguda Grave

UTI Unidades de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVO	18
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 A MORTE E O MORRER - UM APANHADO HISTÓRICO.....	19
2.2 O LUTO - UM PROCESSO NÃO LINEAR, COM DIFERENTES DESTINOS E MÚLTIPLOS FINAIS	25
2.3 RITOS E RITUAIS - DEMARCAÇÃO TEMPORAL.....	29
3 MÉTODO	31
3.1 SOBRE AS FONTES DOCUMENTAIS.....	31
3.2 COLETA DE DADOS	33
3.3 ANÁLISE DE DADOS.....	34
3.4 CUIDADOS ÉTICOS	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
4.1 SOFRIMENTOS PSICOLÓGICOS DERIVADOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL.....	36
4.2 RITUAIS FÚNEBRES EM CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL	41
4.3 DIFERENTES MANIFESTAÇÕES DO LUTO.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020, o mundo se encontrou diante de um novo inimigo comum: as complicações causadas pelo novo coronavírus (*Coronavirus Disease - COVID-19*). Inicialmente reportada na província de Wuhan, na China, em Dezembro de 2019, a doença foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma emergência de saúde pública de preocupação internacional em 30 de Janeiro de 2020, quando todas as 34 províncias do país reportavam casos da doença, e o total de infectados já ultrapassava o número atingido pela Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) no ano de 2003 (HO; CHEE; HO, 2020). Em 11 de Março de 2020, frente ao rápido crescimento do número de infectados e mortes pela COVID-19 nos mais diferentes países, a OMS passou a declarar a situação como uma pandemia.

Pandemia é, segundo a Organização Mundial de Saúde (2020), definida como a disseminação mundial de uma nova doença. Os sintomas amplamente reportados da COVID-19 envolvem fadiga, tosse, febre e dificuldades respiratórias (CONSTANTINI *et al.*, 2020). Apesar de uma parcela significativa de infectados apresentar graus leves ou moderados destes sintomas, um número expressivo de casos requer internação hospitalar e tratamento em unidades de terapia intensiva (UTIs). Segundo Ferguson *et al.* (2020), a última vez que o mundo respondeu a uma emergência global de epidemia em escala semelhante a atual COVID-19 onde o acesso a vacina era inexistente foi em 1918-1919 com o H1N1 na pandemia da influenza, porém a pandemia por coronavírus assusta pela letalidade quando os sintomas se agravam.

Segundo Spreeuwenberg *et al.* (2018), a geração atual, em qualquer faixa do desenvolvimento humano, nunca viveu algo semelhante e com uma letalidade tão brutal em curto espaço de tempo. Os danos colaterais da pandemia da COVID-19 são comparáveis apenas a Gripe Espanhola que durou de 1918 a 1920 e infectou cerca de 100 milhões de pessoas no mundo todo e levou à óbito entre 17 e 50 milhões de vidas, tornando-a uma das epidemias mais mortais da história.

Com o intuito de impedir a rápida disseminação da doença e a preservação dos sistemas de saúde para o atendimento da crescente demanda por leitos hospitalares, medidas de distanciamento social para toda a população foram empregadas globalmente. A recuperação do quadro de sintomas agudos da COVID-19, em ambiente hospitalar, pode requerer vários dias de internação. As medidas de distanciamento social não têm o intuito de apenas parar a transmissão do vírus e sim, de achatar sua curva de contágio para que os leitos hospitalares não atinjam a capacidade máxima, o que levaria a um colapso no sistema de saúde do país.

No Brasil, além do distanciamento social, os Estados decretaram o fechamento de ambientes com alto nível de aglomeração de pessoas como: escolas, universidades, além da limitação de horários ou suspensão total dos meios de transporte público. Também foram empregadas restrições de viagens nacionais e internacionais, além de proibição de qualquer atividade que envolva aglomerações de mais de dez pessoas, isolamento de casos suspeitos, obrigatoriedade do uso de máscaras e controle de temperatura em ambientes públicos e fechados com grande circulação de pessoas, como *shoppings centers*, academias e supermercados.

Segundo a Associação Americana de Psicologia (2020), a pandemia causada pelo novo coronavírus não é apenas uma crise epidemiológica, é também psicológica. Independentemente da exposição à doença, a situação atual pode provocar sentimentos como estresse, ansiedade, tristeza, desamparo, raiva e impotência dentre outros. Ho, Chee e Ho (2020) apontam que pesquisas já revelaram o profundo e amplo espectro de impactos psicológicos que epidemias podem infligir nas pessoas, variando do desencadeamento de novos quadros clínicos de sofrimento psíquico naqueles que previamente não tinham históricos até o agravamento das condições daqueles que já possuíam algum quadro de sofrimento psíquico.

Em uma pandemia, vivenciamos tanto as perdas de vidas humanas, quanto as perdas de empregos, de conexões sociais presenciais e rotinas. Ou seja, estamos vivendo diferentes formas de luto em larga escala social, devido a privação coletiva de contato e convivência com as pessoas. Além da perda da própria saúde caso haja contágio pelo vírus e também de estilos de vida a partir da desestabilização dos referenciais sociais como, trabalho, sistema de saúde, educação, economia ou conexões sociais e familiares.

A Fundação Oswaldo Cruz (2020), por meio de cartilha produzida durante a pandemia, define o luto como um processo natural de resposta a um rompimento de vínculo mediante a perda de alguém ou algo significativo na nossa vida. O significado, as explicações, os rituais de passagem entre a vida e a morte e o processo de enlutamento variam conforme cada sociedade e suas diferenças culturais, cosmológicas e religiosas, bem como as circunstâncias em que ocorre a morte. Cada sociedade é responsável por estabelecer os códigos culturais aceitáveis para o estabelecimento de rituais fúnebres de seus entes queridos, que envolvem desde cerimônias de despedidas, homenagens, até modos diversos de tratamento dos corpos, como o enterro ou a cremação.

A prática dos rituais relaciona-se diretamente com as mudanças e segundo Gennep (2011), entende-se que o indivíduo se modifica à medida que ultrapassa as fronteiras que demarcam a passagem de uma posição, estados e status para a seguinte. Passagens estas que

vão do nascimento, infância e adolescência nas sociedades ocidentais, casamento, gravidez, maternidade, paternidade, demarcação de uma estação a outra e de um ano a outro, vida e morte. Para além da imensa variedade de rituais existentes na vida humana, jazem as formas que permeiam o senso de comunidade específico de cada sociedade, ao mesmo tempo que revelam a forma com que esta se estrutura e reestrutura diante das mudanças que ocorrem no percurso da vida.

Para Papalia, Olds e Feldman (2009) o percurso de vida apresenta um início, meio e fim. O fim pode ocorrer durante a própria gestação, mediante aborto, ou em qualquer outra fase da vida, embora a sociedade geralmente defina a morte como algo que acontece quando a pessoa já tem uma idade avançada, ou seja, na velhice. Essa crença por si só já acrescenta uma variável importante nos processos de luto e no nosso próprio entendimento, enquanto sociedade, acerca do fim da vida pois, mesmo que a maior parte dos que desenvolvem sintomas agravados que podem levar ao óbito sejam idosos, o agravamento dos sintomas também pode acometer e matar pessoas jovens e vistas como “mais saudáveis” (quando há a ausência de comorbidades que podem naturalmente complicar o quadro da pessoa). No início da pandemia, a baixa letalidade em pessoas mais jovens e “saudáveis” foi usada como resistência para a implementação de regras de distanciamento social, deixando claro em nossa sociedade quais vidas importam.

Após passar por algumas ou todas as fases do desenvolvimento humano, a morte marca o final de um processo único e individual do desenvolvimento de cada ser humano. Papalia, Olds e Feldman (2009) apontam que o temor a morte tende a diminuir a medida que a pessoa encontra significado e propósito durante sua vida. A partir disso, os autores apontam que a reavaliação da vida pode ajudar as pessoas a se preparar para a morte e dar-lhes uma última chance de concluir tarefas inacabadas, tornando o morrer também em uma experiência de desenvolvimento, resignificando a morte, entrando em contato com a terminalidade como um processo natural do estar vivo. A pandemia veio de uma forma avassaladora, atropelando os rituais de despedida da família e seus desdobramentos: funeral, sepultamento, luto.

Algumas particularidades destacadas pela cartilha da Fundação Oswaldo Cruz (2020) podem influenciar no processo de luto e no nosso interesse neste estudo se volta exatamente para essas características excepcionais e as formas com que ela vêm delineando os rituais da morte e de luto. Devido às especificidades de contágio no contexto de pandemia, as mortes podem ser mais frequentes do que aquelas com as quais estamos acostumados a lidar, podendo ocorrer abruptamente e demandando rituais diferentes do que aqueles com os quais as sociedades estão familiarizadas (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020).

Um exemplo disso pode ser visto na abertura de valas comuns nas cidades mais impactadas pela pandemia devido a incapacidade dos serviços funerários de atenderem o alto número de óbitos causados pela doença, gerando assim um cenário de enterros coletivos a céu aberto. Além de que, nas cidades onde o serviço funerário ainda tem capacidade de atender as demandas de enterros e velórios, a facilidade do contágio pelo vírus impossibilitou que esses eventos ocorressem com mais de dez pessoas presentes e durando apenas uma hora. Além desses novos modos de se despedir dos entes queridos, em alguns lugares estão sendo organizados os chamados ‘velórios virtuais’, orações por aplicativo e grupos de apoio *online*: o ‘novo’ luto durante a pandemia do coronavírus, como um modo de aproximar afetivamente as pessoas e permitir a despedida.

Os rituais fúnebres são tão importantes que aparecem na História humana desde relatos advindos da Pré-História e sugere-se, de acordo com Leakey (1997), que a preocupação com a finitude da vida se manifesta por meio dos rituais de cuidado para com os mortos. As técnicas minuciosas empregadas no cuidado com o corpo da pessoa falecida são dotadas de um simbolismo que lhes conferem sentido e assim podem tornar a rejeição histórica da morte e de sua ruptura mais suportável. Em “O Culto dos Mortos”, Catroga (2010) define os ritos funerários como comportamentos complexos que espelham os afetos mais profundos e guiam o defunto no seu destino *post-mortem* e têm como objetivo fundamental superar o trauma e a desordem que toda a morte provoca naqueles que ficaram vivos.

Para Souza e Souza (2019), a vida humana é repleta de momentos que não são necessariamente ligados, além de ser cheia de falhas, como um caminho com obstáculos a serem ultrapassados e cabe ao ser humano não apenas criar o caminho em si mas estabelecer a ligação entre as partes dele para assim criar uma continuidade. Os autores explicam que falar de passagem é falar de movimento, no qual os estados anterior e posterior à passagem são sempre delimitados simbolicamente e a passagem entre eles é permeada por perigos que, apesar de geradores de tensão, têm de ser ultrapassados, sendo também a passagem para a preparação para uma nova vida, que sempre é melhor.

A morte necessariamente vem acompanhada do luto e ambos são fenômenos que acontecem com todos os seres humanos. Por se tratar de fenômenos universais e inevitáveis poderíamos pensar que eles seriam enfrentados com naturalidade, mas a morte ocupa um lugar de exclusão na sociedade ocidental, onde não se fala sobre o assunto ou então, ao citá-lo, usam-se termos ou expressões para substituir e amenizar o seu real sentido como: passagem, descanso ou então expressões populares como ‘bateu as botas’, ‘foi dessa para uma melhor’, ‘descansou, está com Deus’, ‘está em paz’, ‘está no andar de cima’, ‘está com os anjos’, dentre outras. Além

disso, a morte desperta o grande conflito entre viver o sofrimento e o seguir em frente naqueles que ficam.

Assim como a morte é encarada por Genep (2011) como um processo, o luto como acompanhante da morte também identifica-se como processo e não estado, que engloba as reações frente a perda. Toda perda significativa pressupõe o luto, que pode ser entendido segundo Fukumitsu (2012) como um processo de ajustamento e elaboração do sentimento de pesar perante a perda. O luto encontra-se ao lado da morte, como evento, e ao lado da vida como processo. É um percurso de mão dupla, uma busca preservar a lembrança, a outra busca a abertura para a construção de novos laços afetivos. Sim, a perda é angustiante e assustadora e, muitas vezes, parece insuportável. Mas a perda não é apenas subtração. A perda também é mudança. Nossa sociedade é dependente e organizada em volta dessas perdas pois elas dão significado a nossa vida. Todas as coisas morrem e todas as coisas são recompostas e feitas novas novamente. Onde as lacunas são deixadas, algo sempre as preenche.

Partindo do entendimento do luto como algo que não deve ser reprimido e nem negado, encaramos segundo Ceccon (2017), o sentir e sofrer no ritual como parte inalienável da ressignificação da perda do ente querido. Alinhados ao entendimento de Bayard (1996) onde os ritos fúnebres coincidem com a fase inicial do luto, é possível encará-los como espaços potentes para a elaboração da perda, contribuindo para o bem estar psíquico, pois mesmo sofrendo com a perda, o ritual auxilia na organização psíquica da vida sem o ente querido. Vivenciar o luto é importante, assim como participar dos rituais fúnebres. Algumas pessoas podem estender o luto que pode passar a ser patológico, mas espera-se que vivenciar o luto possa promover saúde psíquica a médio e longo prazo.

Além disso, existe também um fator simbólico importante para o processo de luto que é a certeza de que a pessoa que está sendo velada e posteriormente enterrada realmente morreu, por meio da confirmação visual e concreta daquele que está deitado no caixão é quem realmente partiu desta vida e nos deixou. Esta compreensão embora dura, sofrida, possibilita que os familiares e amigos tenham clareza da despedida e possam fazê-la também de forma concreta e direcionada, sem as lacunas que existem no processo de luto quando o ritual fúnebre acontece na ausência de um corpo. Além de que, o ritual em si é organizado de tal maneira que a despedida possa ser feita em conjunto por todos que estabeleceram algum tipo de vínculo com a pessoa que faleceu.

Antes da pandemia, tínhamos pergunta de pesquisa e procedimento de coleta dos dados diferentes. Estávamos voltados ao Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina, com a coleta de dados agendada para iniciar junto do semestre letivo na

universidade. Porém, devido à pandemia, o semestre foi suspenso e toda a coleta de dados não iniciou. Então, junto de todas as reformulações que tiveram que ser feitas perante a pandemia e o distanciamento social, decidimos reorientar esta pesquisa para um horizonte que estava começando a se formar. Assim, veio à luz como objeto de pesquisa o impacto que esse momento histórico trouxe para o campo da saúde mental, delimitado ao processo de luto decorrentes da perda por morte nas famílias e a inviabilidade de funeral e sepultamento com aglomerado de pessoas afetivamente ligados a vítima do coronavírus.

Esta pesquisa parte do reconhecimento da importância reconhecer os processos de perda vivenciados ao longo da vida como caminho para a compreensão do lugar ocupado pelo ritual de despedida no processo de luto, como espaço para significação da perda.

A partir da pesquisa bibliográfica sobre os rituais e seus significados de passagem, a pergunta que impulsiona esta pesquisa é:

Quais os impactos psicológicos gerados pela ausência de rituais fúnebres durante a pandemia?

Este estudo pretende descrever e caracterizar a importância dos rituais, em suas mais diversas formas possíveis, no processo do luto. Logo, esse questionamento de pesquisa serve para melhor compreender e unir o simbólico com o prático, buscando encontrar meios de acolhimento de enlutados quando estes são impedidos de realizar o ritual de despedida condizente com a cultura que está inserido. Esse cenário se apresenta, atualmente, como uma realidade cada vez mais presente neste contexto de mudanças sociais, históricas e culturais que vivemos no país e compartilhamos com o mundo.

Apesar de não haver uma lacuna teórica acerca do papel dos rituais para os processos do luto, crê-se que a união deste tema (impedimento de rituais fúnebres) com o contexto específico da pandemia é um espaço que ainda não foi investigado e com nossa pergunta de pesquisa esperamos preencher juntamente com o desenrolar das vivências, criando assim uma oportunidade ímpar de agregar em tempo real aos estudos desenvolvendo esta temática com grande potencial.

1.1 OBJETIVO

Compreender como a ausência de ritual fúnebre pode impactar no processo de viver o luto das famílias brasileiras vítimas da COVID-19

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A MORTE E O MORRER - UM APANHADO HISTÓRICO

Dentre todos os seres vivos, o homem é o único que tem consciência que irá morrer. De acordo com Guerreiro (2014), o homem morre desde que nasce; morre em cada instante, porque a morte não surge no momento em que se morre - existe desde o nascimento, como 'processo'. A morte só pode ser definida quando relacionada à definição de 'vida' que coexiste em si com a morte, como polaridades contrárias mas complementares. O homem caminha para a morte desde que inicia a vida, a partir do momento em que é dado à luz. Assim, a morte nos impõe a verdade da vulnerabilidade humana e a limitação do ser. Estamos sempre caminhando com e em direção à ela que representa, em vida, um enigma e um mistério que nunca poderá ser desvendado.

Segundo Kovács (1992), as religiões, a filosofia e as artes sempre procuraram questionar e explicar a origem e o destino do homem. Cada indivíduo traz dentro de si a sua própria representação de morte com suas próprias personificações e formas. Desde o tempo dos homens das cavernas há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas, também, como fascínio, sedução, uma grande viagem, entrega, descanso ou alívio.

Sob a ótica de Gennep (2011), os temas da morte e do renascimento ocorrem constantemente durante toda a vida de uma pessoa. A morte ocorre com a cessação da respiração, o que, para o autor, se dá apenas uma vez, enquanto, socialmente, a pessoa morre muitas vezes ao passar por um processo de transição de uma condição social para outra. "Vivemos de perder e abandonar, e de desistir. E mais cedo ou mais tarde, com maior ou menor sofrimento, todos nós compreendemos que a perda é, sem dúvida, uma condição permanente da vida humana" (VIORST, 1986, p.243).

Partindo de Viorst (1986) em 'Perdas Necessárias', as experiências de perda não se referem exclusivamente à morte, elas são universais e envolvem diversas circunstâncias da vida. As perdas não são apenas as separações e as partidas ao longo da vida, é também o abandono consciente ou inconsciente de sonhos, a fuga de expectativas impossíveis. Como parte indissociável da vida, as perdas e mortes são inerentes à condição humana e não se pode conceber a idéia de vida sem a possibilidade da morte.

São inúmeras as situações que envolvem perdas ao longo da vida, tudo que se possui pode ser perdido, entretanto, mesmo quando adulto as perdas são acompanhadas da sensação

de perigo, sofrimento e desespero. Teme-se o aniquilamento e o não ser que vem junto com o sentimento de morte, de morrer (MARTINS, 2014).

Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance (KUBLER-ROSS, 1987). A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis. O que mudou foi nosso modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer e com os pacientes moribundos (KUBLER-ROSS, 1987).

Segundo Combinato e Queiroz (2006), pressupõe-se que para o ser humano, o ato de morrer, além de ser um fenômeno biológico, também está imbricado por uma dimensão simbólica. Tornando-se assim um fenômeno permeado de valores e significativos diretamente ligados ao contexto sócio-cultural e histórico em que acontece.

A relação do homem Ocidental com a morte foi minuciosamente traçada por Philippe Ariès em seu livro “História da Morte no Ocidente” (1977), que a separa em quatro momentos, sendo eles: Morte Domada; Morte de Si; Morte do Outro e Morte Interdita (Maria Júlia Kovács, em seu livro “O Desenvolvimento da Morte”, define o conceito de ‘Morte interdita’ como ‘Morte Invertida’). Apesar da separação em momentos, o autor salienta que a passagem entre eles ocorreu de forma gradual e sutil.

A ‘Morte Domada’ é a morte da época medieval. O homem sabe quando vai morrer, por certos avisos, signos naturais ou por uma convicção interna. Segundo Kovács (1992), os homens daquela época eram observadores de signos e, antes de mais nada, de si mesmos. Eles morriam na guerra ou de doenças e, portanto, conheciam a trajetória de sua morte. As representações literárias traziam a morte sempre acompanhada de uma advertência ou aviso: aquele que iria morrer sabia que a morte estava próxima. Airés (2003, p.33) aponta a compreensão da morte como algo muito simples e que atravessa as idades, algo que reencontramos ainda em nossos dias, ao menos como uma sobrevivência, no interior das sociedades industriais: o reconhecimento espontâneo da finitude da vida.

E assim se morreu durante séculos ou milênios. O termo ‘morte domada’ parte dessa familiaridade e proximidade com a morte e, ao mesmo tempo, de seu tratamento com certa indiferença e continuidade. Esta forma opõe-se acentuadamente a nossa, segundo a qual a morte

amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome. “Por isso chamarei aqui esta morte familiar de ‘morte domada’, não quero dizer com isso que anteriormente a morte tenha sido selvagem, e que tenha deixado de sê-lo. Pelo contrário, quero dizer que hoje ela se tornou selvagem.” (AIRÈS, 2003, p.40).

A morte era esperada no leito do moribundo e a cerimônia era organizada por ele mesmo. A participação coletiva da comunidade para com aquele que estava morrendo era bem-vinda e todos os amigos, familiares, vizinhos poderiam entrar no quarto onde ele estava se preparando para morrer. Ressalta-se que até a presença das crianças era bem recebida e elas integradas aos rituais de despedida ao invés de serem protegidas. Kovács (1992) ressalta que o maior temor desta época era a morte repentina sem a oportunidade das homenagens.

Apesar da familiaridade com a morte, a proximidade dos mortos com os vivos era temida e por isso evitada. De acordo com Airès (2003, p. 41) “o mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos”. Muitas práticas rituais visavam este objetivo de separação entre vivos e os mortos, para facilitar o caminho dos mortos até os céus e evitar a contaminação tanto física ligada à decomposição dos corpos quanto psíquica, através da visita dos mortos como fantasmas ou assombrações. O local de sepultamento daqueles que se foram era nas igrejas, por ser perto dos santos e assim elucidar a ideia de proteção. As igrejas localizavam-se no centro da cidade e os cemitérios também, sendo os mais ricos enterrados próximos aos altares e os mais pobres nos pátios ou *churchyards*.

Por questões de salubridade e crescimento das cidades, os cemitérios passaram a ser construídos fora das cidades. Segundo Kovács (1992) os cemitérios foram construídos em parques, tornando-se além de locais de enterro, também lugares de passeio, descanso e oração. Houve assim um reestabelecimento do convívio entre vivos e mortos e, junto disso, vinha a aceitação da morte de si e dos outros. “O espetáculo dos mortos, cujos ossos afloravam à superfície dos cemitérios, como o crânio de Hamlet, não impressionava mais os vivos que a ideia de sua própria morte. Estavam tão familiarizados com os mortos quanto com sua própria morte” (AIRÈS, 2003, p.49).

O período seguinte o da ‘Morte Domada’ é intitulado por Airès como ‘Morte de Si Mesmo’, onde o autor ressalta que essa nova atitude não chega para substituir a antiga e sim, incorpora um processo de sutis mudanças que irão moldar lentamente o sentido da familiaridade tradicional do homem com a morte. De acordo com o autor, na segunda fase da Idade Média, do século XII ao século XIV, quando foram lançadas as bases do que viria a ser a civilização moderna, um sentimento mais pessoal e mais interiorizado da morte, da sua própria morte,

traduziu o violento apego às coisas da vida. O homem no final da Idade Média reconhece a si próprio em sua morte e em contrapartida, nutre uma grande paixão pela vida e pelo material.

Segundo Kovács (1992), o homem passa a se preocupar com o que acontecerá depois de sua morte. Aliado a essa preocupação, ocorre o medo do julgamento da alma, com a sua ida para o inferno ou paraíso. Destaca-se que o medo principal do homem dessa época era relacionado com o que viria após a morte, a condenação ao inferno e ao castigo eterno. É importante frisar que Airès (2003) está falando do homem rico da Idade Média que descobria em sua própria morte, o segredo de sua individualidade. O que passou a importar no sepultamento e estrutura dos túmulos era que a identidade do defunto fosse evocada e transmitida para aqueles que permaneceram vivos.

Porém, na época moderna, apesar da aparente continuidade dos temas e ritos, a morte problematizou-se e furtivamente afastou-se do mundo das coisas mais familiares e naturais. Kovács (1992) destaca que o corpo morto passa a ser escondido, pois é insuportável para os olhos. Os caixões são usados para esconder o corpo. O embalsamamento, ritual tão antigo continua a ser usado como forma de conservar viva a imagem do morto como uma forma de negar a morte.

Assim progressivamente a morte tomava uma outra forma, mais distante ao mesmo tempo que mais dramática e tensa. Chegamos a um novo sentido, a partir do Século XIX, onde a morte é exaltada, dramatizada e arrebatadora ao mesmo tempo em que o homem não se ocupa mais da sua própria morte e passa a ser um fenômeno atribuído ‘ao outro’.

Kovács (1992) aponta que a morte neste período é a morte romântica. Considerada bela, um sublime repouso, eternidade e possibilidade de uma reunião com o ser amado. A morte passa a ser desejada. A morte nesse período também traz a possibilidade de evasão, liberação, fuga para o além, mas, também, a ruptura insuportável e a separação. Surge aqui o simbólico de uma morte que arranca o homem de seu cotidiano e sociedade racional e o lança em um mundo cruel, sombrio e irracional.

Rituais na hora da morte traduziam o medo predominante da época, relacionado com as almas do outro mundo que vêm perturbar os vivos, provocando superstições para proteger os vivos dos mortos como abrir uma janela ou porta logo depois da morte para facilitar a saída da alma, relógios são parados, cobrem-se os espelhos, os sinos são silenciados, joga-se sal, acendem-se velas. A morte surge pela primeira vez como ruptura e não mais como algo coexistente à vida (ARIÈS, 2003).

Já o século XX traz a ideia da morte como algo ‘secreto’ e ‘vergonhoso’. A sociedade atual removeu a responsabilidade e consciência do homem acerca de sua própria morte, para

assim proteger sua vida. “A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 2003, p.84). Tornando-se assim o período da ‘Morte Interdita’ pois diferente das relações anteriores com a morte, neste momento vemos a verdade sobre a finitude da vida sendo mascarada e encoberta.

Como foi ressaltado por Kovács (1992), o grande valor do século atual é o de dar a impressão de que ‘nada mudou’, a morte deve passar despercebida. A chamada ‘boa morte’ atual é a que era mais temida na Antiguidade, a morte repentina, não percebida. A morte ‘boa’ é aquela em que não se sabe se o sujeito morreu ou não. A ênfase recai sobre o ‘aceitável’. Uma morte aceitável é uma morte que possa ser aceita ou tolerada pelos vivos.

Ariès (2003) aponta que a primeira motivação para o sigilo em torno da morte foi advindo do desejo de poupar o enfermo de assumir sua provação. Porém, esse sentimento foi substituído por um sentimento diferente, característico da modernidade: evitar não mais ao moribundo, mas à sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, “a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz, ou deve sempre aparentá-lo” (ARIÈS, 2003, p.85).

Segundo Kovács (1992), a morte não é mais considerada um fenômeno natural, e sim fracasso, impotência ou imperícia, por isso deve ser ocultada. O triunfo da medicalização está, justamente, em manter a doença e a morte na ignorância e no silêncio. Já não se morre em casa, rodeado por familiares, e sim no hospital, sozinho. Todos esses fatores tornam o processo de proximidade com a doença e com a morte mais difíceis. O hospital é conveniente pois esteriliza a repugnância e os aspectos sórdidos ligados à doença.

A morte foi dividida e parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente, não se pode pontuar qual a verdadeira morte, aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração. Todas essas pequenas mortes silenciosas substituíram e apagaram a grande ação dramática da morte. Kovács (1992) destaca que o tempo da morte se modifica, não é mais o momento de separação do corpo e da alma. Nos tempos atuais, esse tempo se prolonga indefinidamente, prolongando indefinidamente também todos os processos de elaboração da morte. A morte foi dividida em cerebral, biológica e celular. São vários os aparelhos destinados a medir e prolongar a vida. O momento da morte é muitas vezes um acordo burocrático feito entre a família e o médico.

Atualmente, a sociedade ocidental não sabe o que fazer com os seus mortos. Esse acontecimento natural é transformado em algo clandestino e é empurrado para o fundo da consciência, pois as pessoas morrem escondidas. Kovács (1992) aponta que a morte se

transformou em um produto rentável, onde a maior preocupação está com o valor dos terrenos e a localização dos cemitérios onde o defunto será velado e enterrado. Hoje em dia é caro morrer, pois são cobradas taxas municipais, o caixão, o velório, o local no cemitério, o enterro, o que comprova que todos nós não morremos igualmente e as desigualdades sociais perduram até no fim das vidas.

Trilhamos um caminho iniciado na resignação e coletivização da morte ('todos morremos'), onde encontramos um sentimento muito antigo, duradouro e intenso de familiaridade com a morte, sem medo ou desespero, um meio-termo entre aceitação passiva e a confiança no místico. Passamos pela importância da própria existência e na individualização daquele que morre. Seguimos pela remoção da morte do indivíduo para a morte não mais pertencente a própria consciência e sim, depositada no outro, como um fenômeno apenas vivido por aqueles que 'não são eu'. No século XIX, a morte estava presente em toda parte: cortejos de enterros, roupas de luto, extensão dos cemitérios e sua superfície, visitas e peregrinações aos túmulos e culto da memória.

Como foi destacado por Kovács (1992), atualmente procuramos determinar qual é o momento da morte somática, quando as funções de um ser vivo cessam e não há mais possibilidade de reverter o processo. O instante da morte só pode ser definido pelo médico através do atestado de óbito. Portanto, só ao médico cabe confirmar o momento da morte, constatando como definitiva e irreversível, bem como, determinando a sua causa. Chegamos em um cenário em que aquele que está morrendo, quando não se encontra já em estado vegetativo sobrevivendo a partir dos cuidados paliativos, é privado da consciência de que a morte se aproxima para ele e assim é despido da autonomia presente no reconhecimento e validação da sua morte e seu morrer.

Hoje a 'morte invertida' tornou-se um evento particular, experienciado longe dos olhares da sociedade para além dos muros do hospital por ser insuportável para aqueles que a testemunham, a sustentação desse momento acaba restando apenas à equipe hospitalar. Chegamos em um ponto em que o homem tornou-se alienado de sua própria morte. O eloquente cenário de coexistência de vida e morte, como caminhos trilhados juntos, oscilou em nossa época, tendo a morte se tornado a *inominável e estéril*.

2.2 O LUTO - UM PROCESSO NÃO LINEAR, COM DIFERENTES DESTINOS E MÚLTIPLOS FINAIS

Como foi apontado na introdução deste trabalho, em um contexto de pandemia, a morte se torna mais próxima e súbita do que os parâmetros rotineiros. Segundo a cartilha da Fundação Oswaldo Cruz (2020), a morte repentina, inesperada e precoce é considerada complicadora para elaboração do luto normal. Portanto, em pandemia temos o processo de luto sofrendo atravessamentos e particularidades.

A interferência no processo normal do luto das pessoas envolvidas no cenário pandêmico se dá através das especificidades de contágio da doença em questão, onde as mortes podem ser mais frequentes do que aquelas com as quais estamos acostumados a lidar. Por seu caráter abrupto, acaba por exigir rituais diferentes daqueles com os quais as sociedades estão familiarizadas. Em cartilha produzida abordando essa temática, a Fundação Oswaldo Cruz (2020) destaca que, devido ao isolamento, a presença junto ao paciente infectado e até mesmo os rituais de despedida, ações integrantes do processo de luto não podem ser realizadas por seus entes queridos como habitualmente o faziam.

Antes da pandemia da COVID-19, o Brasil nunca havia experienciado um luto tão massificado. Comparativamente com a Europa, que foi palco da I e II Guerra Mundial, e em ambos esses momentos históricos teve um número elevado de óbitos em curto espaço de tempo, transformando assim a forma com que a morte e as perdas eram vivenciadas pelas sociedades dos países participantes das guerras. Assim, a partir desse número tão elevado de mortes em tão pouco tempo, fez-se a urgência dos estudos acerca do tema. Esse cenário hoje se caracteriza como um número maior de estudos e produção teórica internacional sobre o fenômeno do luto que serviu e segue sendo utilizado como base para nossos próprios estudos e entendimentos acerca do luto no Brasil.

Santos (2017) destaca que os estudos acerca do luto tem ocupado um significativo espaço na comunidade científica internacional desde o século XVII, quando reações de pesar foram descritas como sintoma e causa principal da melancolia pelo médico Robert Burton, em sua publicação *The Anatomy of Melancholie*, datada de 1621. Enquanto no Brasil, as pesquisas e intervenções com enlutados começaram a ganhar força e sistematização apenas a partir da década de 1980, mas foi no fim da década de 1990 que dois polos acadêmicos iniciaram estudos e pesquisas nesta área, com enfoque em Psicologia: a docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Prof^a. Dr^a. Maria Helena Pereira Franco que fundou o LELu - Laboratório de Estudos e Intervenções de Luto em 1996, com o objetivo de realizar pesquisas

e atendimento psicológico comunitário e na Universidade de São Paulo (USP), a Prof^ª. Dr^ª. Júlia Kovács, iniciou ações de caráter acadêmico e posteriormente comunitário, por meio do LEM – Laboratório de Estudos da Morte.

Como apontado por Kovács (1992), a morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas é vivida como se aquela parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos tivesse morrido. A perda e a sua subsequente elaboração são elementos contínuos na vida. Kovács (1992) completa chamando a perda de morte ‘consciente’ ou morte vivida.

Ao caracterizar a morte como perda, falamos primeiramente de um vínculo que se rompe, de forma irreversível quando trata-se da morte concreta. Nesta representação está envolvida uma relação bilateral: uma que é ‘perdida’ e a outra que sobrevive mas lamenta, um pedaço de si que se foi. Uma outra parte representada na perda é a internalização das memórias e lembranças quando trata-se de um luto elaborado. Fukumitsu (2012) aponta que as perdas, tais como morte, divórcio, separação de pais, filhos saindo de casa, distanciamento do país de origem, perda de uma habilidade conhecida, perdas relacionadas com a idade, entre muitas outras, fazem parte do desenvolvimento humano. O processo de luto inclui uma variedade de sentimentos, pensamentos e reações.

A perda, por ser vivenciada conscientemente, pode ser muitas vezes mais temida do que a própria morte. Como esta última não pode ser vivida concretamente, a única morte que podemos experimentar é através da perda, quer seja ela concreta, quer seja simbólica. Porém, se a morte ocorre de maneira brusca e inesperada, ela apresenta uma potencialidade de desorganização, paralisação e impotência, abrindo também espaço para elaborações interrompidas do luto pela perda. De acordo com Kovács (1992), embora saibamos racionalmente que a morte é inevitável, a consciência sobre este saber nem sempre está presente, surgindo assim o paradoxo da morte (in)esperada. Em casos extremos a morte invade de tal forma a vida que passa a fazer parte dela.

Segundo Fukumitsu (2012), o conceito de perda não significa apenas uma coletânea de definições, mas, sim, partes da identidade e da maneira de ser-no-mundo, diretamente relacionadas a constituição social, cultural, histórica e singular de cada um. Ao considerar que o modo como nos relacionamos é influenciado também pela maneira de lidar com as perdas, a autora compreende que é a partir do luto e de nossas compreensões dos processos de terminalidade, que aprendemos a dar mais valor à própria vida, assim como aprendemos a nos defender e a cuidar daquilo que é inerente a nossa condição humana.

De acordo com Santos (2017), o mundo externo molda o processo de luto, através de parâmetros socioculturais, religiosos ou, ainda, pela dinâmica familiar em questão. Porém, a autora destaca que o mundo interno do enlutado também moldará seu enfrentamento perante o sofrimento, uma vez que a crise provocada pela perda pode gerar uma quebra de suas defesas psíquicas, bem como das condições previamente desenvolvidas de adaptação ao ambiente psicossocial. A autora aponta que a partir desta junção de fatores, é possível que o indivíduo experiencie uma ruptura com seu senso de pertencimento e reassuramento, condição fundamental para o equilíbrio psíquico, na medida em que é desafiado pelo aprendizado e subsequente convivência com a dor, para um ajustamento ao novo cenário imposto pela perda. Cada enlutado terá um luto próprio e singular, que será multideterminado de acordo com os fatores externos e internos já mencionados.

Assim, cada cultura apresenta enfrentamentos específicos frente à morte e quais os comportamentos e rituais que devem ser cumpridos pelos enlutados e, ao longo do tempo, as manifestações diante da perda e do luto sofreram alterações que foram documentadas e estudadas por diversos pesquisadores nos mais diferentes âmbitos de atuação. Como foi apontado no capítulo anterior, Ariès (2003) destacou o tabu em torno da morte, ditado pelo excessivo apego à vida produtiva, característico de nossa civilização industrial, que aos poucos gerou uma reestruturação da nossa relação com a morte, criando assim um temor diante da ideia de morrer e a subsequente supressão da manifestação do luto no Século XX, onde a sociedade passou a condenar a expressão e a vivência da dor, atribuindo-lhes uma qualidade de fraqueza. A partir deste temor, as formalidades para enterrar o corpo passaram a ser consideradas nesta época como desritualizadas e cumpridas rapidamente.

É exigido assim, domínio e controle dos afetos ‘exagerados’ que podem emergir perante a perda. Como foi ressaltado por Kovács (1992), esta supressão do processo de luto traz sérias consequências do ponto de vista psicopatológico pois sabe-se que muitas doenças psíquicas podem estar relacionadas com um processo de luto mal-elaborado. Kovács (1992) destaca que as causas e circunstâncias da perda também têm uma importância no processo de elaboração desta, além de outros fatores psicológicos e sociais, como por exemplo as condições de vida do sobrevivente, se vive sozinho, se tem de cuidar de outras pessoas, além das condições econômicas e da idade. Estes fatores, por si só, não são os únicos responsáveis pelo processo de luto, mas podem afetar o seu desenvolvimento.

Mortes inesperadas são, segundo Kovács (1992) bastante complicadas, pela sua característica de ruptura brusca, sem que pudesse haver nenhum preparo prévio. Em casos de morte repentina, quando não há informações de como ocorreu, pode haver dificuldades no

processo de luto consciente. Já no caso de doenças graves, em que houve um período longo de cuidados com o morto, é provável surgirem outros sentimentos. Nestes casos pode ocorrer o que se chama de ‘luto antecipatório’. O processo de luto ocorre com a pessoa ainda viva e sua perda já é sentida sem que ela tenha partido, logo neste cenário existe a oportunidade da perda ser elaborada por ambos os lados da relação ainda em vida.

Este cenário de ‘luto antecipatório’ se assemelha ao que pode ocorrer perante os casos agravados da pandemia onde pessoas são encaminhadas para Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) sem previsão de retorno ou se haverá um retorno. A família pode iniciar um processo de luto antecipatório se assim o desejar pois a qualquer momento pode vir a notícia de óbito ao mesmo tempo que também pode haver a recuperação do internado. Esta incerteza perante a perda gera um grande sofrimento psíquico.

De acordo com Freitas (2013), o luto é uma experiência dura e profunda de perda, além de evocar sentimentos acerca da própria condição de mortalidade. Em momentos de perda pela morte, é compreensível que parte da reflexão daqueles que sobreviveram seja voltada para si mesmos, a partir da percepção de que aquilo também acontecerá com ela. Segundo Caranaúba, Pelizzari e Cunha (2016), a dor da perda acarreta sofrimento, pois significa o desaparecimento não apenas daquela pessoa, mas também de uma história em comum, uma história de vida e vínculo que se tinham com a pessoa que partiu. Junto com a notícia da morte vem um processo temporário de desorganização e esvaziamento do sentido das coisas.

Quanto aos rituais praticados após a morte, Bee (1997) analisa que funerais ou outros rituais de morte atendem a diferentes funções, que incluem a definição dos papéis para os enlutados, a aproximação da família e o proporcionar um sentido à vida e à morte do falecido. Ou seja, faz parte do processo de luto a família e amigos poder vivenciar um ritual, sendo, muitas vezes, caracterizado por estilos diferentes de velórios ou funerais, dependendo de cada cultura.

Por ser um processo doloroso e sofrido, aqueles que passam por ele necessitam de atenção e acompanhamento psicológico, principalmente nos primeiros estágios onde ocorrem as mortes e o choque é grande e a ajuda para assimilar a perda se faz extremamente necessária. Só se aceita a perda à medida que todo o caminho até lá é bem elaborado e vivenciado em sua totalidade. Para o enlutado, segundo Franco (2005), é fundamental receber o suporte adequado para um enfrentamento da situação de luto através dos conhecimentos que a Psicologia tem a oferecer neste processo de elaboração do sofrimento perante a perda.

2.3 RITOS E RITUAIS - DEMARCAÇÃO TEMPORAL

Partindo das ideias de Bayard (1996), as autoras Souza e Souza (2019) definem procedimento ritual como ato em que o significado reside mais em seu valor simbólico do que em sua finalidade mecânica, portanto, lavar, enterrar e cremar um corpo são atos técnicos intrínsecos ao funeral, porém um funeral não é composto apenas por esses atos, ele se prolonga para além do ato em si, adquirindo assim características simbólicas. Assim, de acordo com Souza e Souza (2019), os rituais vão além da ação e são repletos de símbolos.

Duarte (2003) aponta que toda a sociedade constrói seu entendimento do que define uma pessoa e, conseqüentemente, delimita o período em que ela passa a ser – e deixa de ser – reconhecida como tal, sendo assim o conceito de vida e morte é essencial para esse processo de compreensão. Menezes e Gomes (2011) destacam que os rituais associados a morte não apenas efetuam uma separação concreta entre dois mundos (vivos e mortos), mas estabelecem alteridades, especialmente a oposição central vivos/mortos, instituinte da condição de existência da pessoa.

Menezes e Gomes (2011) ressaltam que os rituais em torno da morte, assim como quaisquer outros rituais refletem os valores e as crenças compartilhadas por cada grupo, cultura ou sociedade, sendo eles formas indispensáveis para exprimir e solidificar os vínculos, partilhar emoções, valorizar certas situações, assegurar e reforçar a coesão social. Os rituais então podem ser encarados como uma teia comunicacional complexa que abrange cultura junto de seus significados específicos, organização e ação social expressas em um acontecimento presente e imediato (funeral; casamento; nascimento etc).

A sociedade elabora respostas cerimoniais e rituais, com o objetivo de auxiliar a transposição de passagens críticas que vivenciamos ao longo da vida. As cerimônias são como as etapas de um ciclo que desejamos marcar e revelar, uma espécie de moldura que determina, demarca e torna consciente, tanto individualmente quanto socialmente, os fins e inícios (MENEZES; GOMES, 2011).

Segundo Van Gennep (1978), os rituais de passagem são cruciais para o grupo social ou da cultura. Eles localizam o ciclo temporalmente, iniciando-o ou finalizando-o. Os rituais fúnebres indicam a ideia de que a sequência de atividades humanas se completou. Neste sentido, a sociedade toma conhecimento do término das relações sociais. Como foi falado anteriormente, a pessoa precisa morrer para sua família mas também para a sociedade, encerrando seu papel e participação nesta condição.

A partir de Bromberg (2000), Souza e Souza (2019) apontam que os rituais fúnebres cumprem o papel de contextualização da experiência, permitindo o rearranjo de papéis e continuidade do ciclo de vida. Os rituais e as formas com que eles preenchem as lacunas da experiência da morte podem oferecer à família o suporte da sensação de pertencer a uma cultura capaz de oferecer respostas previsíveis para uma situação onde não existem respostas concretas. As autoras completam que a universalidade das manifestações humanas diante da morte existe para atender às necessidades psicológica e social de dar um enquadramento e uma previsibilidade à esta.

A incorporação individual do caráter simbólico dos rituais tende a permitir ou facilitar a comunicação social de significados relacionados à morte e o morrer, fornecendo sentido à realidade da perda. Os rituais podem ajudar a simbolizar a morte do ente querido, favorecendo a reintegração no cotidiano e na sociedade, integração que foi interrompida pela mudança que a perda ocasiona (SOUZA; SOUZA, 2019).

A necessidade de considerarmos o ritual fúnebre como uma categoria importante de análise nas condições do luto e na elaboração de uma perda por morte, visto que as reações humanas diante da morte abrangem cuidados dispensados ao corpo já sem vida. De acordo com Souza e Souza (2019), pensar em ritual fúnebre é tratar do sofrimento psíquico, que implica na saúde mental dos indivíduos e suas vidas sociais.

3 MÉTODO

Nesta pesquisa, a abordagem metodológica utilizada será de cunho qualitativo com pesquisa documental. A escolha pelo estudo documental se deu devido a impossibilidade de coleta de dados empíricos ocorrer presencialmente, por conta das medidas de isolamento social.

A pesquisa qualitativa é utilizada em diversas áreas, e com significância relatada para a área da saúde e das ciências sociais. Esta metodologia tem como objetivo entender com profundidade como os fenômenos acontecem, e não apenas quantificar números e incidências. (MEDEIROS *et al.*, 2012).

Como recorte temporal optamos pelo período de Março a Maio de 2020. Justifica-se essa escolha pelas medidas de distanciamento social terem sido iniciadas no país no mês de Março e assim decidimos por limitar a coleta de dados até Maio, pois teríamos tempo hábil para coleta, análise dos dados, discussões dos principais achados além dos alinhados necessários com a data limite de defesa desta dissertação que é em Agosto de 2020.

3.1 SOBRE AS FONTES DOCUMENTAIS

Este estudo é considerado de caráter documental, pois, conforme Neves (1996), a pesquisa documental é constituída pelo exame de materiais, que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados. Tal procedimento permite o estudo de pessoas a quem não se tem acesso físico. Este é um método de escolha e verificação de dados, que se propõe a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e, a partir daí, conhecer a forma como eles estão sendo desenvolvidos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Pode-se dizer que a pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias.

Flick (2009) ressalta que em um estudo documental o pesquisador deve entender os documentos como “meios de comunicação”, pois foram elaborados com algum propósito e para alguma finalidade, sendo inclusive destinado para que alguém tivesse acesso à eles. Assim,

indica que é importante compreender quem o produziu, sua finalidade, para quem foi construído, a intencionalidade por trás de sua elaboração. Apresenta-se como um método de escolha e de verificação de dados; visa o acesso às fontes pertinentes, e, a esse título, faz parte integrante da heurística de investigação (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou se constituir como instrumento metodológico complementar. Os autores ainda ressaltam que esse tipo de pesquisa possibilita a compreensão da questão em estudo, bem como a reconstrução da contextualização histórica e sociocultural de determinado fato ou momento vivido. O documento se constitui como uma fonte importantíssima para a pesquisa documental que tem como foco a busca de informação em materiais, como jornais, relatórios, fotografias, atas, entre outros materiais.

Neste estudo, as fontes documentais são constituídas pela mídia jornalística. Os jornais são formas de mídia escritas e podem ser classificados, especificamente, como fonte primária ou secundária, classificação esta que dependerá do seu uso na pesquisa. Na aplicação deste estudo optou-se por utilizar os jornais disponibilizados *online*, como documentos de fonte primária, pois eles são a base para a análise e interpretações de ideias, dando origem a outro conhecimento de domínio científico. Para definirmos quais os jornais que fariam parte da busca e seleção de dados documentais, optamos a princípio por jornais que fossem disponibilizados na forma *online*.

O primeiro jornal selecionado foi aquele que é considerado um dos principais meios de comunicação impressa no país (JESUS, 2014), *A Folha de São Paulo*; o segundo jornal selecionado é disponibilizado exclusivamente *online* e em mais de um idioma, cobrindo os países da América Latina e Iberoamérica, o *El Pais*. Considerando que na busca piloto, encontramos poucas reportagens na *Folha de São Paulo*, decidimos incluir um terceiro jornal brasileiro de circulação *online* e impressa, do Rio de Janeiro, o jornal *O Globo*. Tanto *a Folha de São Paulo*, como o jornal *O Globo*, têm ampla circulação no país.

Na pesquisa piloto entendíamos que seria importante utilizar um jornal regional de circulação impressa e *online* no Estado de Santa Catarina, o *Diário Catarinense* por ser um jornal do estado onde o programa de pós-graduação que essa pesquisa está vinculada pertence a Universidade Federal de Santa Catarina, possibilitando assim um contraste entre jornais de grande cobertura da região sudeste e um da região sul. Porém, a quantidade de reportagens

acerca do tema, não se mostrou significativo suficiente para ser incluído na amostra, visto que encontramos apenas três matérias alinhadas à temática do estudo.

Tendo em vista o grande impacto de instrumentos deste tipo de mídia devido à sua utilização no âmbito nacional e regional, e à ampla abordagem dos mesmos em seus artigos, através das reportagens disponíveis nestes três jornais pode-se obter um dimensionamento de informações de amplo espectro e diferente ângulos de visibilidade.

3.2 COLETA DE DADOS

Para desenvolvimento deste estudo foi realizada uma busca nas bases de dados *online* dos jornais selecionados, pois tal acervo contempla na íntegra o período a ser estudado. A coleta de dados ocorreu no período de Março a Maio de 2020, por meio palavras de busca: morte; enterro; funeral; pandemia; luto; coronavírus; família, com amplo escopo pelas sessões dos jornais. Porém, a sessão obituária foi descartada a priori por ela ser predominantemente direcionada para homenagens e locais de velório.

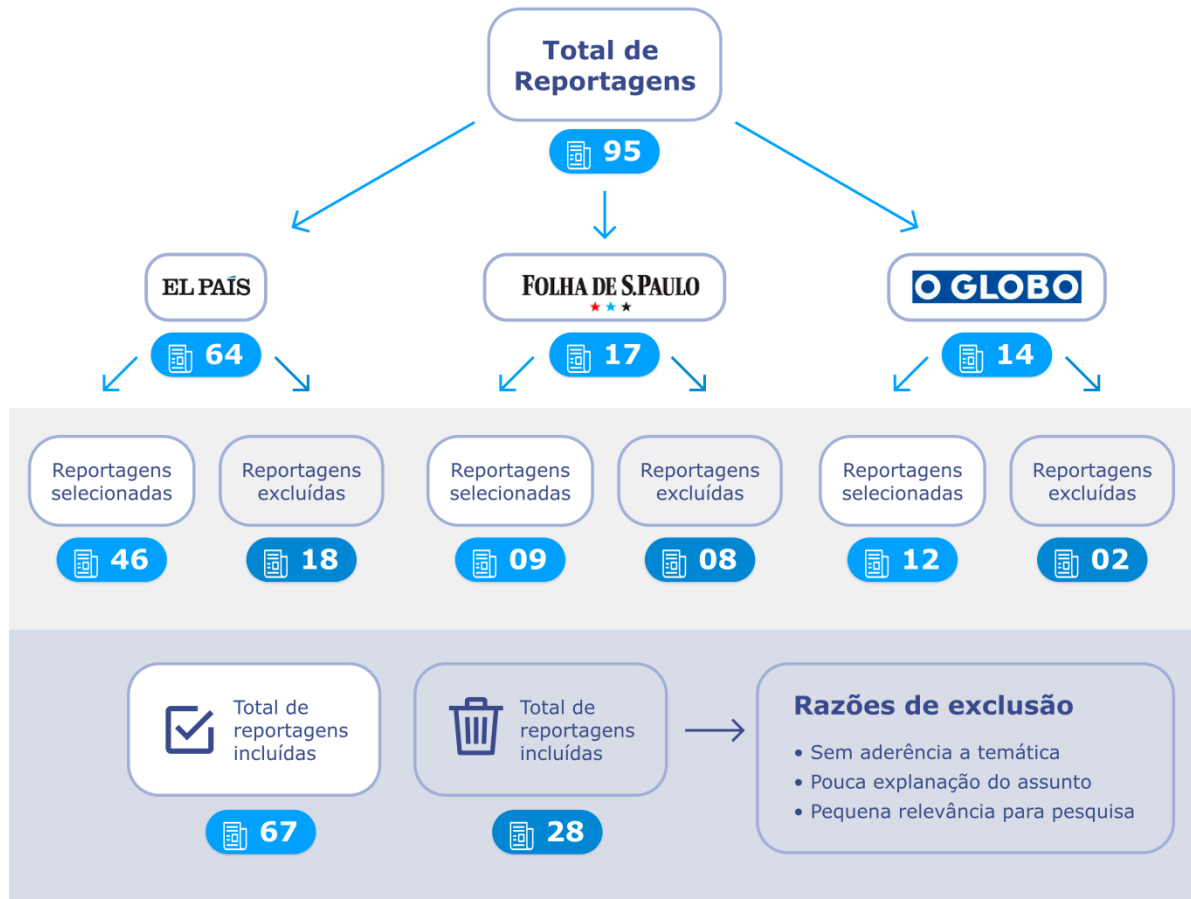
No sistema de buscas dos jornais, as palavras são separadas por vírgula, sem a possibilidade de utilização dos marcadores booleanos *and*, *or* ou *no*. Assim, nossa busca foi realizada usando as sete palavras apontadas no parágrafo acima, selecionadas para a procura das reportagens que pudessem posteriormente ter aderência ao estudo.

Os critérios de inclusão foram: na busca e leitura das matérias publicadas foi se verificando quais tinham aderência com a pergunta de pesquisa (Quais os impactos psicológicos gerados pela ausência de rituais fúnebres durante a pandemia?). Por aderência, estamos falando das reportagens que em seu conteúdo trouxessem informações referentes ao processo de morte, morrer e os impactos psicológicos que a (re)organização desses acontecimentos podem acarretar, contextualmente no período da pandemia.

Os critérios de exclusão foram: reportagens repetidas, não apresentar informações aderentes ao tema ou fugirem totalmente da pergunta de pesquisa apesar de conterem as palavras-chave.

O processo de busca se encerrou quando chegou-se a saturação dos dados, ou seja, as informações passaram a se repetir, não obtendo-se nada de novo. Foi realizada a leitura detalhada de todas as reportagens para saber se de alguma maneira abordavam temas sobre **os impactos psicológicos gerados pela ausência de rituais fúnebres durante a pandemia**. Chegamos a saturação dos dados com 67 reportagens, conforme representado na Figura 1, abaixo:

Figura 1 - Fluxo síntese de fontes e reportagens da pesquisa sobre processo de luto diante a ausência de rituais fúnebres na Pandemia da COVID-19, Florianópolis, 2020.



Fonte: própria autora, Setembro 2020.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

Foi feita uma varredura nos jornais selecionados utilizando as ferramentas de busca disponibilizadas nos sites. Esse procedimento foi conduzido em dois jornais (Folha de São Paulo e O Globo) porém, no *El País*, não conseguimos localizar a ferramenta de busca no site então, a pesquisadora principal transferiu (usando a ferramenta *copy/paste*) todas as reportagens catalogadas na seção do jornal dedicada à notícias sobre o coronavírus para um arquivo do *Microsoft Office Word*, para que pudesse proceder com a varredura.

Os trechos que selecionamos para compor nossa análise e discussão dos dados são produtos da opinião de jornalistas e/ou entrevistados. O jornal *online* não é um jornal científico, entretanto, tem grande circulação por todas as camadas sociais, diferentemente dos jornais e

revistas científicas, seu alcance é maior. O processo de subjetivação da população sobre o impacto psicológico da COVID-19 é construído em parte com o conteúdo das reportagens e esta pesquisa abraça tanto resultados vinculados às publicações científicas, como trechos das reportagens dos três jornais. Tentando assim construir um diálogo entre o saber científico e o popular sobre o impacto da pandemia sobre a saúde mental.

Na primeira busca, encontramos um total de sessenta e quatro reportagens no *El País*, dezessete reportagens na Folha de São Paulo e quatorze reportagens no O Globo. Após a leitura minuciosa de cada uma das reportagens disponibilizadas para os não assinantes dos jornais, foram excluídas dezoito reportagens do *El País*, oito da *Folha de São Paulo* e duas do *O Globo*, resultando então em quarenta e seis reportagens do *El País*, nove da *Folha de São Paulo* e doze do *O Globo* (conforme Figura 1).

3.4 CUIDADOS ÉTICOS

De acordo com o que já está definido nas normas e diretrizes propostas pelo Comitê de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, definidas na Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde (CONEP-MS), esta dissertação em sua construção e execução corroborou com todos os preceitos legais citados na resolução.

Como esta pesquisa se trata de um estudo de cunho documental, e que utiliza, como fonte de coleta de dados, documentos de caráter público e de livre acesso à população de modo geral, neste caso, jornal de mídia nacional, *A Folha de São Paulo*, o *El País* e o *Globo*.

Tem-se ainda a Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016, pela qual não serão registradas e nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP pesquisas que utilizem informações de acesso público nos termos da Lei n. 12.527/2011 e pesquisas que utilizem informações de domínio público.

Sendo assim, não se justifica a necessidade prévia de submissão do presente projeto ao Comitê de pesquisas envolvendo seres humanos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo serão apresentados de acordo com as categorias de análise identificadas, após a busca nos jornais já referidos. A priori, cabe aqui ressaltar a dificuldade na coleta e análise dos dados encontrados, tendo em vista que as reportagens contidas nos jornais ‘A Folha de São Paulo’ ‘O Globo’ e *El País* tratavam majoritariamente do fenômeno da pandemia, em termos de dados estatísticos acerca do número de contaminados e óbitos nas várias regiões do país, ou então acerca de medidas de combate à pandemia, formas de tratamento, lotação de hospitais e descuido da população diante deste cenário. Fenômeno compreensível pois, em 17/3/2020, segundo o Ministério de Saúde (2020), o Brasil totalizava 291 casos oficiais da doença e 01 morte e em 31/05/2020, data do fim da coleta de dados já totalizava 514.992 casos no país e 29.349 mortes, com as autoridades sanitárias alertando que o platô da curva não havia sido atingido, com dissonâncias internas acerca do mantimento do isolamento e a retomada das atividades no país para evitar problemas na economia.

A partir da análise de dados, chegamos a três categorias. A primeira categoria trata das reportagens relativas à sofrimentos psicológicos derivados de isolamento social e contemplam dez reportagens. Nestas dez reportagens, identificamos quatro grupos de sofrimentos psicológicos: ansiedade; depressão; solidão; medo. A segunda categoria trata de rituais fúnebres em contexto de isolamento social. Nesta categoria identificamos vinte e quatro reportagens das quais trataremos como: novas formas de velar e impossibilidade de velório. A terceira categoria trata das diferentes manifestações do luto. Nesta encontramos vinte e duas reportagens tratando das perdas em meio à pandemia.

Na busca encontramos uma quarta categoria a qual intitulamos pandemia e a vulnerabilidade social. Nesta identificamos quinze reportagens voltadas para a vivência da pandemia e mostrando que ricos e pobres não vivem a mesma pandemia no país. Considerando que este tema não está diretamente ligado ao objeto deste estudo, optamos por apresentá-la como uma reflexão que fará parte das considerações finais desta dissertação.

4.1 SOFRIMENTOS PSICOLÓGICOS DERIVADOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL

Nesta primeira categoria, identificamos nas reportagens uma ampla gama de relatos relativos a sofrimentos psicológicos resultantes da desorganização mental e emocional causadas pela mudança abrupta de rotina, consequência da pandemia. Para definir essa desorganização, alguns termos do campo psi apareceram com recorrência nas matérias, como: ansiedade;

depressão; solidão e; medo. Porém, com a leitura minuciosa das reportagens alinhadas com a produção científica, percebeu-se que ainda é muito cedo para delimitar claramente quais são e quais serão os efeitos psicológicos que esta pandemia está causando na população brasileira e global.

Neste sentido, optamos então, por abordar nesta análise o termo guarda-chuva ‘sofrimento psicológico’ intitulando esta primeira categoria de **sofrimentos psicológicos derivados do distanciamento social**. Apesar destes resultados terem sido encontrados em apenas um (*El País*) dos três jornais selecionados, encaramos essa temática como extremamente importante para o campo atual da saúde mental e também para o pós-pandemia. Encaramos o fato de só termos encontrado reportagens acerca dessa temática em um jornal que também cobre países da Iberoamérica como uma demonstração da distinção entre a vivência da COVID-19 nos países amplamente afetados por ela.

Em Março de 2020, quando esta pesquisa de iniciou, países europeus já haviam chegado no pico da primeira onda de contaminação, possibilitando assim que reflexões mais complexas acerca do efeito da pandemia nos processos e alicerces humanos pudessem ser feitas. Enquanto no Brasil, estávamos lidando com os primeiros contágios e as notícias direcionavam-se apenas para estratégias de contenção do vírus. Assim, criou-se um cenário onde tanto as reportagens quanto a produção científica estrangeira estavam à frente das produções nacionais na temática da pandemia, possibilidade que surgiu pela descendência ou estabilização da curva de contágio, possibilitando reflexões complexas acerca dos processos e vivências em meio à pandemia, algo que começou a ser feito recentemente no país quando esta dissertação já estava em processo de finalização.

Entendemos o sofrimento psicológico derivado do isolamento como uma terminologia direcionada para o agravamento de diagnósticos psicológicos anteriores ou manifestação de sintomas do campo psicológico que não existiam previamente ao período de distanciamento social. A medida de isolamento, apesar de essencial para a redução do número de contágios, impôs às pessoas uma mudança radical no estilo de vida. Somando isso ao medo da possibilidade de ser contaminado, à impossibilidade do contato físico, entre outros fatores, a situação acaba podendo trazer transtornos à saúde mental da população.

O confinamento implica na restrição de circulação das pessoas para evitar o potencial de crescimento de um contágio em forma de quarentena - termo utilizado primeiramente na Itália, em 1127, que se diferencia do isolamento no sentido em que esse separa as pessoas doentes de pessoas saudáveis ou sob suspeita, embora, segundo Barros-Delben *et al.* (2020), ambos os termos sejam utilizados como sinônimos durante epidemias.

A quarentena é fundamental para atenuar o contágio. O pressuposto de manter as pessoas sem contato com outras pessoas busca diminuir a probabilidade de contaminação e, conseqüentemente, a procura por serviços de saúde e o número de óbitos. Trata-se de uma medida usada há muitos anos para evitar a disseminação de doenças contagiosas (BROOKS *et al.*, 2020). Apesar dos benefícios de contenção de contágio e proteção do sistema de saúde, foi identificado por Enumo *et al.* (2020) que, no contexto da epidemia da COVID-19, alguns dos principais estressores estão relacionados à duração da quarentena, ao distanciamento social, à frustração e ao tédio, bem como ao acúmulo de tarefas, incluindo a realização de atividades normalmente feitas fora de casa (escola e trabalho, por exemplo), à falta de suprimentos, à inadequação das informações e às dificuldades econômicas.

Um estudo conduzido por Qiu *et al.* (2020) em 36 províncias da China, com um total de 52730 respostas, identificou que a pandemia da COVID-19 além de causar sérias ameaças à saúde física e vida das pessoas, também desencadeou uma grande variedade de problemas psicológicos, como transtorno do pânico, ansiedade e depressão. Além dos impactos na integridade física e econômicos, o novo coronavírus repercute significativamente na saúde mental dos indivíduos, especialmente em razão do temor pela exposição ao contágio, ao adoecimento e à morte, pelas situações de quarentena e isolamento social. Esses aspectos tendem a intensificar sintomas de transtornos em saúde mental e produzir afetar principalmente pessoas com histórico de problemas de saúde ou profissionais de saúde que estão na ‘linha de frente’ na atenção à população (BARROS-DELBEN *et al.*, 2020).

As reportagens destacadas abaixo refletem a realidade de como os efeitos do isolamento e da vivência da pandemia podem acarretar na saúde mental ao mesmo tempo que não podem ser mensurados, principalmente por ser uma realidade sem precedentes em termos de pessoas diretamente e indiretamente afetadas:

“Os maiores estragos não se devem ao combate, e sim à destruição maciça da vida cotidiana. Num mundo onde você se define por sua ocupação, seu papel fica suspenso, há uma desorientação da qual pode sair qualquer coisa.”
(*El País*, Madri (Espanha), 20/04/2020 - um mundo de ansiedade, medo e estresse).

“Os psicólogos e psiquiatras estão apontando as conseqüências negativas que terá, para nosso cérebro, a crise mundial que afeta a humanidade inteira. É aterrador. É um rio de angústias profundas que nossa psique está acumulando, e ainda não sabemos quais serão suas conseqüências finais.”

(*El País*, São Paulo (Brasil), 21/04/2020 - O coronavírus dos ricos e o coronavírus dos pobres).

“A nova peste irrompeu [...] com velocidade da qual ninguém, esteja confinado em uma luxuosa cobertura ou em uma casa humilde, pode se considerar a salvo. E essa súbita falta de certeza, esse medo, é apenas o começo de outra crise sanitária que surgirá em nossas cabeças, dizem vários especialistas em saúde mental.” (*El País*, Madri (Espanha), 20/04/2020 - um mundo de ansiedade, medo e estresse).

Relacionam-se também à COVID-19, o medo de contrair a doença, a preocupação com a saúde própria e dos entes queridos, o estigma da doença e os riscos do trabalho, no caso de profissionais da saúde e de serviços vitais (BROOKS *et al.*, 2020).

Porém, independentemente da exposição, as pessoas podem sentir medo e ansiedade de adoecer ou morrer, desamparo ou culpa de outras pessoas doentes, potencialmente desencadeando um colapso mental. Constatou-se que quadros psiquiátricos significativos variam de depressão, ansiedade, ataques de pânico, sintomas somáticos e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, delirium, psicose e até suicídio, que foram associados a uma idade mais jovem. (HO; CHEE; HO, 2020).

“Esta crise é um acontecimento traumático maciço sem precedentes, maior do que qualquer outro por sua dimensão geográfica [...] Haverá uma avalanche de transtornos de humor e de ansiedade nos próximos meses e anos em todo o mundo [...] isso inclui depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, aumento do consumo de álcool e violência machista.” (*El País*, Madri (Espanha), 20/04/2020 - um mundo de ansiedade, medo e estresse).

“Vivemos na incerteza, adaptando-nos, com o paradoxo de que voltamos a ouvir os pássaros enquanto tanta gente morre, prendendo a respiração para que não nos pegue.” (*El País*, Madri (Espanha), 20/04/2020 - um mundo de ansiedade, medo e estresse).

De acordo com Faro *et al.* (2020), em estudos realizados em situações pandêmicas, como é o caso da COVID-19 e da SARS, constatou-se que alguns transtornos mentais comuns podem ser desencadeados pela quarentena, a exemplo dos transtornos de ansiedade e depressão e indícios de aumento do comportamento suicida. Em um estudo conduzido com pessoas em confinamento devido ao SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) em 2003, os autores

Hawryluck *et al.* (2004), apontam que a vivência de uma pandemia pode ser tão traumática quanto a de desastres naturais, ataques terroristas ou a vida em ambientes de muito conflito, acarretando sofrimentos que perduram para além do tempo da pandemia em si. Os autores também apontam aumento do tempo gasto em isolamento foi associado ao aumento dos sintomas do Transtorno de Estresse Pós Traumático (CID 10 F43).

Essa descoberta sugere que a própria quarentena, independentemente de exposição a alguém com a doença, pode ser percebida como um trauma. E se repete na pandemia atual, conforme lê-se nas matérias a seguir:

“As depressões vão ter a ver com as perdas, as reais, as dos nossos mortos, e outras de diferente dimensão: a renúncia a um status, a uma forma de vida pelo desemprego ou a ruína dos autônomos” [...] “o que inclui o sujeito isoladamente (com a perda de sonhos, expectativas), a família (perda de horizontes) e o aspecto social (o emprego).” (El País, Madri (Espanha), 20/04/2020 - um mundo de ansiedade, medo e estresse).

Ho, Chee e Ho (2020) também destacam a correlação entre agravamento de sofrimento psicológico e isolamento social. Os autores relataram uma alta prevalência de sofrimento psíquico associado ao isolamento social, com o aumento da prevalência de sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, correlacionados com sintomas depressivos sendo diretamente proporcionais ao tempo de isolamento: quanto maior o tempo, maior a prevalência de sintomas condizentes ao sofrimento psicológico.

“[ao falar dos atendimentos feitos por uma psicóloga chinesa em sua linha telefônica de apoio psicológico na província de Wuhan] A prorrogação do confinamento estrito aos 11 milhões de habitantes da cidade transformou os telefonemas iniciais de terror diante do desconhecido em pedidos de ajuda de pessoas que se declaravam incapazes de controlar sua raiva ou tristeza. De pessoas com sintomas de depressão ou com pensamentos suicidas.” (El País, Wuhan (China), 11/04/2020 - “Todo mundo em Wuhan padece de um trauma”).

Ornell *et al.* (2020) apontam que, durante as epidemias, o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção. As tragédias anteriores, como a epidemia da SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) em 2003, do HIV/AIDS, do Ebóla, Zika e H1N1, mostraram que as implicações na saúde mental perduram

a longo prazo e que os impactos psicossociais e econômicos podem ser incalculáveis se considerarmos sua repercussão em diferentes contextos.

No cenário atual, locais que previamente eram de encontro, de troca ou que apenas apresentavam a possibilidade de cruzarmos uns com os outros, como supermercados e *shoppings*, podem se transformar em locais de contágio. O ser humano é agora um vetor potencial. Abrimos mão de relações e situações que estávamos habituados, afinal não podemos e nem devemos entrar em negação, fugir da realidade e abrir mão do cuidado de si e dos outros. A pandemia não é só de uma doença viral concreta, é também de pânico. O confinamento nos convida e desafia a sobreviver não só ao vírus, mas também ao estresse e as doenças psíquicas a curto e longo prazo decorrentes da era da COVID-19.

Não é possível prever com exatidão quais os efeitos a longo prazo que esta pandemia poderá causar na saúde mental da população pois, no plano micro, vivemos um período de insegurança, sem ancoragens concretas em informações que mudam diariamente, além de diretamente e indiretamente afastamentos mandatários de nossos grupos sociais e familiares, alicerces cotidianamente presentes e catalisadoras de sofrimentos muito concretos. Falaremos na categoria seguinte sobre os efeitos no plano macro, aqueles que são sentidos também nos alicerces culturais dos países ocidentais, reestruturando a forma com que nos despedimos daqueles que amamos.

4.2 RITUAIS FÚNEBRES EM CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL

De acordo com Menezes e Gomes (2012), independente de contexto, momento histórico, grupo social ou sociedade, em toda a história da humanidade ocorreu – e segue ocorrendo – um intenso trabalho cultural dedicado ao destino de um membro morto.

A seguir podemos introduzir essa temática apontando algumas reportagens que trazem o impacto da pandemia no número alarmante de mortos e a incapacidade dos cemitérios de sustentar a nova demanda de enterros, e o que isso pode significar para as famílias que precisarão enterrar seus mortos.

“O quadro [do aumento de elevado de casos de coronavírus no Brasil] tem levado prefeituras a trabalhar —ainda que evitem o tom alarmista— com o pior cenário da pandemia, em que não apenas hospitais poderiam entrar em colapso devido ao surto da doença, mas também os cemitérios por falta de capacidade para enterrar tantos corpos ao mesmo tempo.” (El País, São

Paulo (Brasil), 17/04/2020 - Exército indaga cidades do Rio sobre capacidade de cemitérios enquanto, pelo país, municípios se preparam)

“Para a família significa um velório expresso. Pouco mais. Os próximos de Alves Bezerra [entrevistada da matéria] acabam de ser informados que só poderão velá-lo por 10 minutos. Será enterrado pelos coveiros de macacão branco que atendem os casos confirmados e suspeitos.” (El País, São Paulo (Brasil), 26/04/2020 - Novos túmulos no Brasil retratam o impacto da pandemia de coronavírus)

“Não são números de mortes. São pessoas, histórias, afetos, memórias sagradas [...] Tantas covas abertas, uma ao lado da outra, são o retrato de uma pandemia avassaladora.” (El País, São Paulo (Brasil), 02/04/2020 - Cemitério em São Paulo. A foto que jamais gostaríamos de publicar)

“A pandemia cria situações inusitadas, entre elas a de mortes sem funerais. Como é possível ficarmos alheios a um rito de passagem tão ancestral, exclusivamente humano? Na natureza, nenhum outro ser chora os seus mortos e os reverencia no sepultamento.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 27/04/2020 - Artigo: Antígona e Antares)

Todos os povos ritualizam a despedida de seus mortos. Os rituais têm valor simbólico, expressam aquilo que não conseguimos dizer em palavras. O velório e o enterro são rituais clássicos que dão à família e aos amigos a oportunidade de estruturar a perda e se despedir daquele que se foi. Agora, mediante a pandemia, estão proibidos ou limitados para evitar o contágio do vírus visto que a transmissão do coronavírus pode perdurar por até 72 horas após a morte, além de funerais serem locais de muito contato e proximidade física.

Partindo de Souza e Souza (2019), os rituais relacionados com a morte, como os funerais, servem para contextualizar a experiência, permitindo as mudanças de papéis e a transição do ciclo de vida. Além do mais, podem oferecer à família o suporte da sensação de pertencer a uma cultura capaz de proporcionar respostas previsíveis num momento em que o choque da perda pode a deixar entorpecida e desarticulada.

Abaixo destacamos, algumas matérias selecionadas nas quais mostram como os velórios e enterros estão sendo conduzidos visando a contenção da transmissão do coronavírus.

“Seja pela falta de exames, pela demora nas análises ou pela ausência de protocolos para a realização de testes, quem está morrendo por parada

respiratória ou por “causa não determinada” está sendo enterrado sob os mesmos critérios daqueles que morrem por complicações do coronavírus. Isso significa, dentre outras coisas, que não há chances de despedida. Não há velório — não só para evitar aglomerações, como também para evitar contato com o corpo possivelmente infectado— e o enterro é realizado com o caixão lacrado. [ao relatar o enterro de sua tia, uma entrevistada diz] O protocolo todo adotado com ela foi de morte pela Covid-19: caixão lacrado, não deixaram que a gente a visse, não tivemos nem cinco minutos de velório [...] Quando a minha mãe entrou na sala para reconhecer o corpo, dentro do caixão era papelão, não era de cetim com flores, como ela tinha escolhido. Também disseram que era ‘por causa da Covid-19.’ (El País, São Paulo (Brasil), 31/03/2020 - Mortes sem diagnóstico reforçam suspeitas de que estatísticas de coronavírus em São Paulo estão defasadas)

“Há mais mortes do que o esperado, por uma pandemia que execra o mundo todo, e pela qual muitos não podem nem se despedir direito de parceiros, pais, tios, amigos, vivendo a pior dor de suas vidas, sem uma pausa para o ritual do luto. Caixões estão chegando fechados aos cemitérios, para evitar que familiares corram o risco de se contaminarem. O vírus fica no corpo mais 72 horas depois do óbito.” (El País, São Paulo (Brasil), 02/04/2020 - Cemitério em São Paulo. A foto que jamais gostaríamos de publicar)

Quando pensamos em ritual fúnebre, é muito possível que a imagem que nos venha à mente seja aquela que mais se alinha com nossa cultura e crença. Eu, por ter uma criação cristã, imagino um ritual fúnebre com velório com caixão centralizado e flores, homenagens pessoais, leituras bíblicas e subsequente do enterro.

Segundo Menezes e Gomes (2012), em todas as sociedades, no evento da morte de alguém, a família e seu círculo social respondem de maneira estruturada com base nos sentidos compartilhados pelo grupo. As referências culturais determinam os cuidados com o corpo e seu destino, além da configuração e prescrição de normas para o período de luto.

As reportagens abaixo demonstram a função que os rituais cumprem no momento da partida, ao mesmo tempo que expõe o amplo espectro de diferentes significados e formas com que estes rituais são vividos dependendo da cultura do povo envolvido, nos lembrando que o ritual fúnebre é realizado para além da forma que a cultura judaico-cristã ocidental o faz. Embora, podemos encontrar semelhanças na finalidade do ritual, como forma de consolar aqueles permanecem vivos e garantir que aquele se vai seja homenageado e celebrado. Segundo

Souza e Souza (2019), o caráter simbólico dos rituais, incorporados pelos indivíduos, tende a permitir ou facilitar a comunicação social de significados relacionados à morte e o morrer, fornecendo sentido à realidade.

Podemos verificar a seguir que, independente de crença ou credo, esta pandemia está interrompendo ou mudando todas as formas de condução dos rituais fúnebres.

“Agora, o vírus nos rouba tudo isso que traduz nossos laços de parentesco e amizade: visitar o enfermo, consolá-lo e animá-lo, preparar o corpo para o funeral, promover o velório, cumprir os rituais de enterro ou cremação, ver o caixão descer ao túmulo, orar em conjunto pelo falecido, e manifestar condolências e abraçar os mais afetados pela perda.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 27/04/2020 - Artigo: Antígona e Antares)

“Em diversos países da África, o combate à Covid-19 alterou tradições funerárias que mesclam rituais de religiões locais com elementos cristãos introduzidos pela colonização europeia do século 19 [...] O funeral na África é algo comunitário, não individual. Porque, quando alguém morre, a comunidade toda sente o luto e divide a tristeza com a família do falecido”, diz Sihawukele Ngubane, professor da Universidade de Kwazulu-Natal, na África do Sul.” (Folha de São Paulo, São Paulo (São Paulo), 16/05/2020 - Na África, funerais são tão importantes quanto casamentos. A pandemia os esvaziou)

“Você precisa que as pessoas venham, lhe confortem e lhe encorajem, para que a dor da passagem do ente querido seja curada.” (Folha de São Paulo, São Paulo (São Paulo), 16/05/2020 - Na África, funerais são tão importantes quanto casamentos. A pandemia os esvaziou)

Sem poder viver esses marcos de uma forma culturalmente condizente, que cumprem a função de organizadores emocionais para o luto, há mais chances de ocorrer complicações no processo de elaboração da perda. Os rituais fúnebres fazem parte de uma ‘aprovação’ social para expressão do sofrimento, e quando isso é modificado, a resposta ao luto também corre o risco de ser alterada. Neste sentido, segundo Souza e Souza (2019), entende-se que a forma de ritualização de uma sociedade revela como essa sociedade se organiza e reorganiza diante das mudanças e como ela simboliza esses momentos. Portanto, pensar em ritual fúnebre é tratar do sofrimento psíquico, com sérias implicações para a saúde mental dos indivíduos e para a vida social.

Abaixo trazemos um exemplo de como o simbólico envolvido no ritual fúnebre, por menor que seja, pode ter um enorme significado para os envolvidos.

“Outra alternativa que surgiu em meio à pandemia é o adiamento da cerimônia para quando esse momento de contaminação mais severa passar. Todas, entretanto, são medidas paliativas [...] “Uma vez atendi a uma família que tinha perdido a mãe. Estava conversando com a filha sobre os detalhes do caixão e do velório, ela me interrompeu e disse: ‘vou buscar um casaco para a minha mãe porque vai esfriar’”, conta Gisela [presidente do Sindicato dos Cemitérios e Crematórios Particulares do Brasil (Sincep)]“ Nessas horas tudo tem um valor. Até o colchão que forra a urna tem seu valor de conforto, ainda que simbólico.” (El País, São Paulo (Brasil), 25/05/2020 - “A sala de casa virou uma igreja”): velórios online em tempos de coronavírus)

Em um velório, a família tem a oportunidade de organizar a cerimônia da forma que acham que pessoa que partiu poderia gostar, visando que a cerimônia faça sentido para o que a pessoa foi em vida. Além de poder reunir pessoas queridas e ter a oportunidade de compartilhar a dor, ao mesmo tempo que a alivia, com os outros. No momento, todos esses fatores contribuintes para a construção da ‘narrativa da perda’ estão suspensos. Conforme Menezes e Gomes (2012), na contemporaneidade, o ritual fúnebre configura uma imagem específica do falecido, produzindo consenso ou controvérsia entre familiares, amigos e grupos de pertencimento.

Logo, a perda em contexto de pandemia passa a ser algo vivenciado em solitude ou afastamento, diferentemente do costume. As reportagens abaixo destacam como pode ser a experiência de passar por um enterro sozinho, sem a solidariedade do grupo. Contudo, elas não trazem apenas o ponto de vista daqueles que perderam alguém mas a vivência de quem, literalmente, é responsável pelo enterro e os sentimentos que podem ser aflorados por lidar uma nova forma tão distinta da antiga.

“Maurício (nome fictício) perdeu a mãe para a Covid-19 no final de março. Ela teve acesso ao tratamento com cloroquina e respirador, mas não melhorou. Tinha 56 anos e nenhuma doença prévia. “Meu pai foi sozinho reconhecer o corpo no hospital, sozinho até o cemitério e sozinho ao crematório. Foi tudo muito sozinho, comenta. Não tiveram velório ou qualquer ritual fúnebre, mas Maurício espera poder realizar algo quando a pandemia passar, como uma missa de celebração da vida dela.” (Folha de

São Paulo, São Paulo (São Paulo), 14/04/2020 - Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto)

“Hoje com 25 anos, Leonardo [sepultador do Cemitério São Francisco Xavier, no Caju, Rio de Janeiro] [...] Não está conseguindo se habituar à solidão dos enterros das vítimas da Covid-19. Para o sepultador, é difícil trabalhar acompanhado por um único parente do morto [...] — A ausência dos familiares é o mais triste. Quem vem para o enterro traz o sofrimento da família toda. O risco de contaminação mudou tudo. É algo anormal. Isso mexe com a gente — admite o sepultador.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 14/05/2020 - Coronavírus: 'Ausência de familiares é o mais triste' conta sepultador do Caju sobre sua nova rotina no cemitério)

A privação dos rituais de despedida pode acarretar transtornos emocionais para os enlutados pois o funeral tem uma função de concretizar a perda, de contribuir para o entendimento de que aquele ente querido se foi. A importância do processo de luto não significa obrigatoriedade, não podemos inferir que o luto precisa ser vivido para que as pessoas acometidas pela perda possam seguir suas vidas e que aqueles que não viveram o processo estão estagnadas. Queremos apontar que a vivência do processo de luto, em suas mais diversas formas e singularidades, pode ser algo importante do ponto de vista de saúde mental. A reportagem destacada abaixo prevê impactos severos na saúde mental da população privado destes importantes rituais, destacando o que a ausência ou impossibilidade de readaptação dele pode acarretar.

A reportagem destacada abaixo prevê impactos severos na saúde mental da população privado destes importantes rituais, destacando o que a ausência ou impossibilidade de readaptação dele pode acarretar.

“Segundo a psicóloga especializada no suporte ao luto, com treinamento em situações de emergências pós desastres e fundadora do Instituto Entrelaços, Erika Pallottino, a impossibilidade de acompanhar os doentes no hospital ou de se despedir caso o quadro se agrave cria um "traço traumático que é a morte súbita, inesperada". Ela afirma que especialistas no exterior dão uma perspectiva de dez anos de impacto da pandemia na saúde mental das pessoas, muito ocasionada pela resposta de luto.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 25/04/2020 - Velório virtual, orações por aplicativo e grupos de apoio online: o 'novo' luto durante a pandemia do coronavírus)

Em tempos de pandemia e ausência de rituais fúnebres presenciais, identificamos as cerimônias virtuais como alternativas válidas para a concretização dessa etapa de despedida, também como maneira de prevenir possíveis transtornos advindos dos lutos interrompidos. Essa iniciativa de rituais fúnebres na modalidade *online* é apontada pela cartilha da Fundação Oswaldo Cruz (2020) como estratégia remota de despedida perante a impossibilidade da proximidade. Pois além de preencher as lacunas das homenagens aos mortos, reintegra, pelo menos em parte, a sensação de comunhão e compartilhamento que este momento pede, podendo também ajudar aqueles que continuam vivos.

As reportagens trazidas a seguir mostram como essa reestruturação de algo tão enraizado em nossa sociedade está sendo conduzido.

*“A privação dos rituais de despedida pode trazer transtornos emocionais para os enlutados e, neste sentido, as cerimônias virtuais são alternativas válidas em tempos de distanciamento social.” (El País, São Paulo (Brasil), 25/05/2020 - “A sala de casa virou uma igreja”: velórios *online* em tempos de coronavírus)*

*“O cemitério Morada da Paz, em Natal, já realizava velórios virtuais desde 2001, permitindo que as despedidas pudessem ser realizadas de qualquer lugar do mundo. Mas essa espécie de missa *online* celebrada pelo padre Bianor é uma novidade que veio com a pandemia. “Suruiu a partir da necessidade de permanecer em casa para proteger os familiares, o ambiente onde se está, e também para proteger o celebrante” [...]“ Eles me perguntaram se seria possível fazer uma oração, dar uma palavra de conforto, de forma virtual.” (El País, São Paulo (Brasil), 25/05/2020 - “A sala de casa virou uma igreja”: velórios *online* em tempos de coronavírus)*

“Nesse isolamento forçado por causa pandemia, o espanhol de 65 anos [Padre José Maria Ramirez, da Congregação Legionários de Cristo, no bairro da Gávea, Rio de Janeiro] tem recorrido, mais do que nunca, à tecnologia [...] Ele tem conduzido de dois a três sepultamentos virtuais por semana por um aplicativo de reunião. Foi o jeito que encontrou para que famílias possam se despedir de seus entes queridos nessa morte solitária causada pelo coronavírus [...] É duro não poder dar adeus a quem se ama, não abraçar pessoas queridas nessa hora. Lembra outros tempos, quando os leprosos eram isolados de suas famílias — lamenta. — Cada morte tem um valor infinito. Como falar em estatística se é um amigo que se vai? Como

proibir um filho de ir ao funeral de seu pai? Tudo é muito triste.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 31/05/2020 - Padre faz sepultamentos virtuais para vítimas de Covid-19: 'Como dizer a um filho que não pode ir ao funeral do pai?')

“Temos que usar a tecnologia para nos conectar. Não é a melhor forma, mas é a única que temos. É melhor fazer isso do que nada porque é importante marcar a morte quando ela acontece. Precisamos de grupos online, de velórios virtuais. Mesmo que não possamos estar fisicamente juntos, ainda podemos nos conectar, estar de mãos dadas, ainda que virtualmente.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 25/04/2020 - Velório virtual, orações por aplicativo e grupos de apoio online: o 'novo' luto durante a pandemia do coronavírus)

“Poucos estão na sala de velório. A maioria, está na sala de casa, ou em algum cômodo em silêncio. Mas todos estendem as mãos em direção ao caixão, atendendo ao pedido do padre, que também está sozinho em casa. Por meio de uma tela, o padre Bianor Francisco de Lima Júnior realiza virtualmente as cerimônias de despedida em tempos de coronavírus.” (El País, São Paulo (Brasil), 25/05/2020 - “A sala de casa virou uma igreja”: velórios online em tempos de coronavírus)

Como é apontado por Souza e Souza (2019), apesar de a cerimônia fúnebre ser, a priori, em homenagem ao morto, a vida continua é para os vivos, sendo o ritual especialmente vital e benéfico para aqueles que assistem, criando um momento de cumplicidade, de compaixão e renovação, estabelecendo conexão com o sagrado e marcando o início do luto necessário. Além do mais, ainda segundo as autoras, o investimento e dedicação presentes nos rituais, mesmo *online*, podem amenizar possíveis sentimentos de culpa, sendo este momento necessário para a maturação psicológica, por ter atribuições relevantes como: ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta, entrando no processo de luto, possibilitando-lhe também a manifestação compartilhada de seu sofrimento.

Nesta análise, destacamos a importância do ritual fúnebre para a vivência e elaboração da perda. Embora não exista forma padrão de despedida, principalmente diante de uma pandemia, acreditamos que também seja importante questionar em pesquisas futuras como o ritual fúnebre em meio a pandemia foi vivenciado por aqueles que não possuem internet ou acesso a meios que possam auxiliar na ressignificação desta etapa de despedida. Entendemos

este questionamento como pertinente, pois o ritual fúnebre é uma importante categoria de análise para as condições do processo de luto e sua ausência pode conferir lacunas cruciais para a elaboração da morte.

4.3 DIFERENTES MANIFESTAÇÕES DO LUTO

A estrutura de análise está organizada de forma que cada capítulo traga em si, um desdobramento do que foi discutido no capítulo anterior. Logo, neste capítulo, falaremos do processo de luto em consonância com a ausência de rituais fúnebres. Ressaltamos que ao longo desta pesquisa, nos deparamos com diversos tipos de luto. Assim, nesta terceira categoria, a qual nomeamos de **diferentes manifestações do luto**, identificamos um total de vinte e duas reportagens nos três jornais pesquisados, abordando os mais diversos tipos de perdas.

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, Ferreira (2010), luto diz respeito ao sentimento de dor perante a morte de alguém. Porém, a pandemia da COVID-19 perturbou e modificou as vivências usuais do luto. O luto é a resposta à ruptura de um vínculo afetivo significativo, onde a dimensão do luto, junto de seu significado, é proporcional ao vínculo existente entre o enlutado e a pessoa que partiu. Entende-se o luto como uma vivência subjetiva e singular, experienciado de maneira única e diferente por cada indivíduo. De acordo com Braz e Franco (2017), tal processo constitui-se como uma experiência dotada de significado, multideterminada e cultural.

Segundo Braz e Franco (2017), falar em múltiplos fatores que constituem o desenvolvimento do luto e contribuem para que ele ocorra é identificar o tipo de relação e vínculo existentes; em caso de morte, a idade (mortes de crianças tendem a dificultar o processo de elaboração) e o tipo de morte (naturais ou esperadas, acidentais ou inesperadas e suicídios), se existe o corpo e se foi possível realizar os rituais funerários significativos para a família; como foi a vivência durante o processo de rompimento, em caso de morte; se recebeu apoio e afeto e se existe algum recurso espiritual.

O luto engloba diversas respostas emocionais, cognitivas, comportamentais e físicas que são consideradas, conforme Souza e Souza (2019), como reações normais e esperadas frente ao rompimento de uma relação significativa, pois se compreende que ocorre não simplesmente uma morte, mas a partida de alguém amado em circunstância dolorosa. Wallace *et al.* (2020) definem o luto com um processo de adaptação às perdas. Quando essas perdas envolvem pessoas da rede socioafetiva, algumas tarefas são essenciais para elaboração do luto mas é possível questionar como essas etapas estão sendo diretamente afetadas pela pandemia.

A primeira etapa definida pelos autores acima é a aceitação da realidade da perda, pois pode emergir a sensação de que a morte não ocorreu. Na pandemia, as mortes podem ocorrer tão rapidamente que qualquer possibilidade de compreensão e preparo a prior ficam afetados, influenciado no processo de concretização da ocorrência da morte.

A segunda etapa destacada diz respeito ao reconhecimento do sofrimento que a perda acarretou, sem utilizar subterfúgios, visto que evitar ou suprimir a dor tende a prolongá-la. Como um sofrimento pode ser realmente vivido e tratado com sua devida importância quando famílias estão sofrendo com múltiplas mortes ou adoecimentos ao mesmo tempo? Esse questionamento também se alinha ao terceiro item trazido pelos autores acerca da adaptação ao contexto de vida sem a presença da pessoa falecida, o que demanda assumir funções que ela desempenhava anteriormente na família.

Quando tratamos das mortes em pandemia, estamos visando a possibilidade de famílias serem ceifadas de uma vez só tendo que vivenciar reestruturações rápidas. O escritor e compositor José Miguel Wisnik (2019) definiu o luto como a internalização da pessoa que morreu. O processo do luto seria ocupar um mundo desertificado por essa ausência. Aos poucos, vamos recompondo esse espaço, nos transformando naquilo que se perdeu, que passa a viver em nós. Porém, em meio a tantas perdas, a organização de um espaço emocional para lembrar das pessoas falecidas e internalizar suas ausências acaba sendo comprometido, ao mesmo tempo que este ponto é trazido por Worden (2018) como importante para aqueles que viveram poderem dar continuidade à suas vidas.

Além das perdas por morte, no atual contexto, nós estamos suscetíveis a múltiplas perdas diariamente: perda de segurança financeira; de conexões sociais e contato físico; de autonomia para se mover livremente pelo mundo. Além da perda de saúde física e mental advindas da perda de segurança. Para indivíduos hospitalizados, visitas são limitadas ou proibidas, independente de um diagnóstico de coronavírus, considerando o alto grau de contaminação do mesmo. Como já foi apontado anteriormente, para os indivíduos que perderam alguém para a morte, funerais e enterros são feitos com poucas pessoas, adiados ou conduzidos remotamente, sem a possibilidade de consolo e encontro presencial. O luto é inerentemente uma parte normal dessa infinidade de experiências que vivemos e presenciamos diariamente.

Como podemos ver na reportagem abaixo, em meio a pandemia, o luto pode assumir formas mais abrangentes que ultrapassam as mortes concretas de pessoas amadas:

“De certa maneira, todos já vivemos uma espécie de luto, em maior ou menor grau, pela enorme mudança social que enfrentamos. David Kessler afirma que isso é natural. “Temos micro e macro lutos. Obviamente o maior é a

morte de alguém que amamos, mas também experimentamos lutos menores quando, por exemplo, perdemos o emprego ou nos separamos. Também sentimos luto pelo mundo que não existe mais. Um mês atrás o mundo que conhecíamos sumiu. As pessoas se sentem tristes, pesadas, não sabem por que choram, e eu digo que é o luto”.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 25/04/2020 - *Velório virtual, orações por aplicativo e grupos de apoio online: o 'novo' luto durante a pandemia do coronavírus*)

Segundo Wallace *et al.* (2020), o luto antecipatório tradicionalmente é uma resposta normal que ocorre com um paciente ou família diante de um diagnóstico terminal e costuma favorecer o preparo emocional. Porém, a pandemia tem contribuído para circunstâncias cada vez mais difíceis e o potencial para uma configuração de um luto antecipatório amplificado. Essa condição de ‘luto amplificado’ é derivada da consciência diária, através dos veículos midiáticos e redes sociais, dos mapas globais de contágio e número de mortos que podem contribuir para a sensação de que o vírus ‘está chegando’ perto, aumentando o sofrimento por antecipação. As experiências com a morte se tornam mais pessoais a medida que comunidades ou pessoas próximas são afetadas. O luto antecipatório de acordo com Wallace *et al.* (2020) acaba sendo resultado da incerteza além da tentativa de elaborar o que pode estar vindo.

A reportagem abaixo trata além do luto antecipatório, a forma com que nossos lutos podem estar sendo ‘organizados’ e vivenciados neste período de pandemia e nos tempos que ainda virão:

“Especialista em cuidar de quem está muito próximo ao final da vida, ela [a médica Ana Cláudia Quintana Arantes, geriatra e especialista em cuidados paliativos] já prevê que a humanidade passará por três tipos de luto. Além do luto real, das perdas objetivas, ela acrescenta o luto antecipatório — a percepção de que a morte está chegando. “Além disso, vamos ter um luto pela falta de consciência. Muitas pessoas vão se arrepender de não ter tido cuidado antes e vão pensar 'eu poderia ter ficado em casa, poderia ter convencido as pessoas a ficarem em casa”, afirma. “Haverá arrependimento coletivo também”, aposta.” (El País, São Paulo (Brasil), 28/04/2020 - “Vamos ter um luto pela falta de consciência. Muitos vão se arrepender de não ter ficado em casa”)

Indo além do luto antecipatório contextual, existe o luto antecipatório concreto pelas vidas sendo perdidas diariamente. Segundo Crepaldi *et al.* (2020), a complexidade do contexto

da pandemia da COVID-19 pode impactar o processo de luto de diferentes formas. Primeiramente, como já foi citado anteriormente, destaca-se que o luto antecipatório tende a ser afetado, pois estamos diante de um cenário em que pessoas internadas podem ter um agravamento de quadro rapidamente e o paciente vai a óbito antes que a família possa fazer sentido da iminência da perda.

Em outros casos, o paciente sobrevive depois de vários dias internados enquanto a família já estava vivenciando o luto antecipatório para o possível óbito já que as Unidades de Tratamento Intensivo (UTIs) passaram a carregar o peso simbólico de serem os lugares que uma vez adentrados, é possível que não se saia mais de lá, não se veja mais a família e a família não veja mais quem foi internado.

Abaixo podemos averiguar o que está sendo falado nas reportagens.

“O momento de uma pandemia é peculiar também sob o ponto de vista da morte. “Num cenário de pandemia, não há condição de dar sentido ao processo [da morte]. As pessoas vão morrer sozinhas, ninguém vai poder pegar na mão, pois as visitas são proibidas”.” (El País, São Paulo (Brasil), 28/04/2020 - “Vamos ter um luto pela falta de consciência. Muitos vão se arrepender de não ter ficado em casa”)

“A dor da perda é sempre grande, mas, em tempos de coronavírus, se agiganta. Falta, entre parentes e amigos das vítimas, aquele abraço apertado que ajuda a consolar.[...] Nos 21 cemitérios da capital impera, além da tristeza, a solidão. A mesma que acomete os doentes, que, internados em isolamento completo, lutam pela vida sem direito sequer a uma rápida visita da família à UTI.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 04/04/2020 - Sem velório e com caixões lacrados: coronavírus impõe isolamento até no luto e muda rotina em cemitérios)

“O impacto dessas perdas vai tornar o luto ainda mais complicado. Muitos familiares vão precisar de apoio extra, afirma a psicóloga Kátia Pires. “São lutos decorrentes de óbitos repentinos, agressivos, sem tempo para se acompanhar o processo. Os familiares devem ter suporte constante de outros parentes e amigos para superar a tragédia imposta pelo coronavírus”.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 04/04/2020 - Sem velório e com caixões lacrados: coronavírus impõe isolamento até no luto e muda rotina em cemitérios)

“Não podemos nem ter o luto. Teremos que vivê-lo outra hora. O corpo não pôde sequer ser levado para o IML (Instituto Médico-Legal), que nos respondeu que não recebem mais casos suspeitos de coronavírus, apenas os de mortes violentas — conta a jornalista e professora Raquel Lobão, nora de Maria Luiza.” (O Globo, Rio de Janeiro (Brasil), 31/03/2020 - 'Não podemos nem ter o luto', diz parente de mulher de 70 anos morta com suspeita de coronavírus na Rocinha)

Crepaldi *et al.* (2020) destacam que o local e a condição em que a morte ocorreu também trazem implicações; como discutimos no capítulo anterior, a ausência do ritual de despedida, caso a pessoa tenha falecido no hospital, isolada da família, tende a contribuir para o desenvolvimento de um quadro de luto complicado. Como velórios e enterros, estão proibidos ou sendo realizados com restrições e o cadáver deve ser acomodado em caixão lacrado antes da entrega à família.

Essas mudanças tendem a tornar ainda mais desafiador o processo de luto, sobretudo como foi apontado por Ingravallo (2020), quando os familiares consideram que o falecido não recebeu o ritual funerário que merecia ou quando não houve a oportunidade de serem confortados e oferecerem conforto às pessoas próximas, algo que foi apontado na análise anterior como um importante auxílio na elaboração das perdas por morte.

O processo de luto alinhado à ausência de rituais tradicionais de cuidado ao corpo e homenagens e suas consequências é abordado nas reportagens a seguir:

“A psicóloga e doutora em psicologia clínica Gabriela Casellato, sócia-fundadora do 4 Estações Instituto de Psicologia, especializado em luto, vê com preocupação as consequências da privação desses momentos. “O primeiro impacto é viver o luto abafadamente, isoladamente. Isso tende a impactar a duração do luto e sua intensidade. Outra questão é a falta da concretude, do corpo presente, podendo criar um aspecto ambíguo no enfrentamento da perda. A pessoa tende a ter mais dificuldades em seguir a vida, diz”. “O luto de quem perdeu um ente querido para o vírus é ainda mais difícil [...] A pessoa que está em luto por alguém que morreu em decorrência da contaminação representa o que mais tememos neste contexto da pandemia. É alguém que está vivendo algo que eu não quero viver. A minha tendência instintiva é me defender dessa dor, porque eu não quero me ver na posição dessa pessoa. E tem o risco do contágio real, não posso conviver com essa pessoa porque ela conviveu com alguém que se contaminou”. (Folha de São

Paulo, São Paulo (Brasil), 14/04/2020 - Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto)

“Ela [psicóloga e doutora em psicologia clínica Gabriela Casellato] diz que costumamos criar uma narrativa para a morte, baseada em como a pessoa ficou doente, quando foi internada, o que aconteceu durante essa internação, a fase da complicação, e como ocorreu a morte em si. Os pacientes contaminados são isolados, não permitindo aos familiares desenvolver essa narrativa. Deixar a pessoa no hospital, nunca mais vê-la e não saber o que se passou é muito perturbador. Será que ela sofreu muito, será que ela agonizou? Fantasias como essas fazem as pessoas ficarem presas nesse pensamento”. (Folha de São Paulo, São Paulo (Brasil), 14/04/2020 - Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto)

“Viver o luto é importante até do ponto de vista de saúde mental. É importante que a gente entenda que essas pessoas que morreram tiveram despedidas dignas. Tiveram as melhores despedidas possíveis. E permitir que os enlutados expressem suas emoções e sejam validados em seus sentimentos”. (Folha de São Paulo, São Paulo (Brasil), 14/04/2020 - Coronavírus priva famílias de importantes rituais do luto)

Franco (2009) traz a compreensão do luto como algo que está em nossa história passada, presente e futura e destaca a preocupação em não considerar luto como uma doença ou em torná-lo uma experiência psicologicamente patológica, como foi tratado no início dos estudos sobre o tema. Ao longo destas análises e da correlação dos pontos levantados pela nossa pesquisa, acreditamos que a pandemia da COVID-19 tem o potencial catalisador de reestruturação das demandas vigentes e emergentes em saúde mental e do fenômeno do luto no Brasil, sendo a primeira vez na história que vivenciamos a ocorrência frequente de mortes nos mais diversos grupos sociais, nos levando a crer que este pode reverberar na forma com que a morte é encarada e estudada no país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da coleta de dados desta pesquisa, no dia 08 de Agosto de 2020, o Brasil ultrapassava a marca dos cem mil mortos devido a COVID-19. Neste dia que já pode ser considerado histórico, o país encara a possibilidade de um luto latente e dolorido, onde desde Março de 2020 habitamos uma realidade permeada por ele, porém um luto que ao mesmo tempo que é concretamente vivido diariamente por muitos, ainda não é reconhecido socialmente como um fenômeno que gradativamente tem o potencial de inundar a nação brasileira.

Cada morte um dia foi uma vida, são histórias que hoje representam um legado para as famílias e um legado para este país. Esse número faz parte da história de um país erguido nas costas de mortes não reconhecidas e de lutos silenciados. Nós já passamos por períodos históricos com muitas mortes, desde os índios no período da colonização, do povo negro na escravidão e da população negra ainda hoje até os desaparecidos e mortos no período do Regime Militar, da população transsexual e as vidas LGBT ceifadas pela epidemia do HIV/AIDS.

O que diferencia esse período atual de mortes muito numerosas e frequentes, que nos leva a acreditar que o luto na pandemia é inevitável, é que neste caso, a doença, e possibilidade da morte, atinge todos os grupos, independente de quem nega a sua gravidade ou considera-se inatingível por ela acredita. É importante ressaltar que a morte e o luto, além de serem vividos individualmente de forma singular, também são vivenciados de formas socialmente diferentes pois atingem principalmente as pessoas em situação de vulnerabilidade social. Quando uma das diretrizes principais de proteção ao contágio pelo coronavírus é que aglomerações sejam evitadas e que a higienização dos espaços e pessoas sejam constantes, não podemos descartar a realidade brasileira em que milhares de pessoas vivem em situação de aglomeração dentro de casa e com pouco ou nenhum acesso a saneamento básico e cuidados em saúde. As vidas perdidas que se amontoam ainda são as vidas que esse país, historicamente, não dá atenção e condições básicas de vida.

Como expusemos no corpo desta dissertação, o luto não era uma temática visada por nós como objeto de exploração mas, diante de um cenário cada vez mais avassalador de mortes noticiadas em meio a pandemia, fez-se a urgência de questionar os entrelaçamentos das perdas com os entendimentos e ações possíveis dentro do campo da saúde mental e atenção psicossocial.

Procuramos mostrar nessa pesquisa e, acreditamos que fomos felizes em nossos objetivos, mapeando categorias sinalizadoras de sofrimento psicológico advindo da ausência de rituais fúnebres aliado ao distanciamento social pode repercutir por gerações e de forma

desafiadora para a sociedade e para os profissionais em saúde mental. Apesar de todos os esforços muito benéficos de acolher as pessoas em isolamento em meio a perda, ainda não é possível saber quais serão as consequências das ausências deixadas nos processos para a elaboração da perda que, como pontuamos, já começa antes da morte em si. No campo da saúde mental, após revisão das fontes usadas para a produção dessa pesquisa, salientamos estratégias de intervenções possíveis, seguindo as recomendações para contenção da COVID-19, visando preencher as lacunas deixadas pela ausência de ritual fúnebre no processo de luto, exemplo, funeral *online*.

O Mestrado Profissional tem como objetivo final a criação de um produto que possa ser aplicado, objetivo este que o difere do Mestrado Acadêmico que não necessariamente visa um produto como finalidade. Compreendemos que o produto dessa pesquisa é uma reflexão acerca dos produtos já existentes e o apontamento para a necessidade da continuidade das formas de acolhimento ao luto que já existem, além criação de novas estratégias de enfrentamento e processamento do luto em uma nação acometida por ele.

No contexto hospitalar, se houver interesse e a situação permitir, como por exemplo, o paciente estar consciente, podendo se comunicar, pode-se realizar videoconferência com os familiares, envio de arquivos de áudio, de fotos e cartões a serem deixados junto da pessoa durante o período de internação, como símbolo da conexão e ligação emocional contínua entre ela e os membros de sua rede afetiva apesar do distanciamento. Esta estratégia pode ser usada em qualquer época, porém, na pandemia deve ser usada com mais frequência e intensidade. Caso haja o falecimento, é recomendado que se for possível, estratégias presenciais de despedida possam ser adaptadas para velório e funeral de forma não presencial, usando os mais variados recursos de tecnologia e comunicação. Inserir fotos da pessoa falecida no caixão ou no espaço de velório, estimular que sejam proferidas mensagens verbais e escritas, bem como cantadas ou reproduzidas músicas consideradas significativas para aquele que morreu e para os membros da sua rede socioafetiva foram adaptações relevantes levantadas pela cartilha produzida pela Fundação Oswaldo Cruz (2020).

Além da adaptação de novos espaços e formas promovidas para a conservação dos rituais fúnebres, em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina, o Laboratório de Processos Psicossociais e Clínicos no Luto (LAPPSILu) divulgou o primeiro grupo de apoio direcionado à pessoas enlutadas pela COVID-19, iniciando dia 28 de Agosto de 2020 pela plataforma de reuniões *zoom*, oferecendo suporte e direcionamento ao processo de luto feito por profissionais do campo da Psicologia, além de promover aquilo que é tão essencial para o processo de elaboração da perda: o encontro entre pessoas dentro das possibilidades vigentes.

Estas estratégias podem diminuir e amenizar impactos psicológicos gerados pela ausência de rituais fúnebres durante a pandemia.

Então, apontamos estratégias que já estão sendo colocadas em prática quando não há possibilidade de despedida presencial que, embora não substituam os rituais fúnebres tradicionais, é possível que auxiliem no processo de luto pois oferecem oportunidades de elaboração emocional e cognitiva diante da perda. Rituais coletivos via videoconferência, incentivando a rede afetiva a expressar seus sentimentos, telefonemas, mensagens e áudios também configuram-se como alternativas viáveis para manifestações de condolências e compartilhamento de afeto e memórias sobre a pessoa que faleceu.

Acreditamos que essa pesquisa, enquanto produto inédito do curso de mestrado, poderá contribuir para a disseminação da gravidade dos efeitos que a pandemia pode acarretar para nossas vidas por um longo período mesmo após a produção de uma vacina.

Um discurso muito disseminado é um desejo pelo ‘retorno a normalidade’ quando, na verdade, a normalidade anterior não poderá voltar depois de mais de cem mil brasileiros mortos. O que podemos fazer é construir estratégias de cuidado e adaptação diante de um novo cenário que ainda não podemos definir qual será. Encaramos essa análise, juntamente com as outras que estão sendo produzidas diariamente no Brasil, como portadoras de um grande potencial de contribuição para os estudos do fenômeno do luto inteiramente baseados em nossos próprios significados culturais e sociohistóricos, enquanto nação, de compreender e lidar com as perdas em massa acarretadas pela pandemia da COVID-19.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Grief and COVID-19: Mourning our bygone lives.** 2020. Disponível em: <https://www.apa.org/news/apa/2020/04/grief-covid-19>. Acesso em: 11 abr. 2020.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: Da Idade Média aos nossos dias.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BARROS-DELBEN, Paola *et al.* Saúde mental em situação de emergência: COVID- 19. **Revista Debates in Psychiatry**, v. 10, p 18-28, 2020. Disponível em: https://d494f813-3c95-463a-898c-ea1519530871.filesusr.com/ugd/c37608_909ea3ff3b1c4ad3a032a853f68315b7.pdf. Acesso em: 11 abr. 2020.
- BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: Morrer é morrer?.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 1996.
- BEE, Helen. **O ciclo vital.** Porto Alegre: Artmed, 1997.
- BRASIL. **Painel Coronavirus.** 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- BRAZ, Mariana Sarkis; FRANCO, Maria Helena Pereira. Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 1, p. 90-105, 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001702016>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000100090&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.
- BROMBERG, Maria Helena. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto.** Campinas: Livro Pleno, 2000.
- BROOKS, Samantha K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912-920, mar 2020. [http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736\(20\)30460-8](http://dx.doi.org/10.1016/s0140-6736(20)30460-8). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30460-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30460-8/fulltext). Acesso em: 11 abr. 2020.
- CARANAÚBA, Raquel Arruda; PELIZZARI, Cláudia Camargo Arthou Sant'Anna; CUNHA, Samai Alcira. Luto em situações de morte inesperada. **Revista Pisque**, v. 1, n. 2, p. 43-51, ago/dez 2016. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/psq/article/view/945/724>. Acesso em: 11 abr. 2020.
- CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, v.12, n.20, p.163-182, jan/jun 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/11315/6752>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CECCON, Neila Jucilene. A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, v. 3, n. 2, p. 883-899, 2017. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisvinci/article/view/3181>. Acesso em: 11 abr. 2020.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, n. 2, p. 209-216, ago. 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2006000200010>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.

COSTANTINI, Massimo *et al.* Response and role of palliative care during the COVID-19 pandemic: a national telephone survey of hospices in Italy. **Palliative Medicine**, v. 34, n. 7, p. 889-895, 29 abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.1177/0269216320920780>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269216320920780>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CREPALDI, Maria Aparecida *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, p. 1-12, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência e saúde coletiva**, v. 8, n. 1, p. 173-183, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000100013>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.

ENUMO, Sônia Regina Fiorim; LINHARES, Maria Beatriz Martins. Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, p. 1-4, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037200110e>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100101&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.

FARO, André *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, p. 1-14, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.

FERGUSON, Neil *et al.* Report 9: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand. **Imperial College COVID-19 Response Team**, p. 1-20, 2020. <https://doi.org/10.25561/77482>. Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-NPI-modelling-16-03-2020.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. **Estudos de psicologia**, v. 10, n. 2, p. 177-180, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200003>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 ago. 2020.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Luto como experiência vital. In: Santos FS, editor. **Cuidados Paliativos: Discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Atheneu; 2009. p. 245-56.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da abordagem gestáltica**, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 ago. 2020.

FUKUMUTSU, Karina. **Perdas no Desenvolvimento Humano: um estudo fenomenológico**. 2. ed. São Paulo: Digital Publish & Print Editora, 2012.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Processo de luto na COVID-19**. Série: Saúde Mental e Atenção Psicossocial na COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%bade-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUERREIRO, Emanuel. A Ideia de morte: do medo à libertação. **Diacrítica**, Braga, v. 28, n. 2, p. 169-197, 2014. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.

HAWRYLUCK, Laura *et al.* SARS Control and Psychological Effects of Quarantine, Toronto, Canada. **Emerging Infectious Diseases**, v. 10, n. 7, p. 1206-1212, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3201/eid1007.030703>. Acesso em: 11 abr. 2020.

HO, Cyrus; CHEE, Cornelia; HO, Roger. Mental health strategies to combat the psychological impact of COVID-19 beyond paranoia and panic. **Annals of the Academy of Medicine**, v. 49, n. 1, p. 1-3, 2020. Disponível em: <http://www.anmm.org.mx/descargas/Ann-Acad-Med-Singapore.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

INGRAVALLO, Francesca. Death in the era of the COVID-19 pandemic. **The Lancet Public Health**, v. 5, n. 5, p. 258, 2020. [http://dx.doi.org/10.1016/s2468-2667\(20\)30079-7](http://dx.doi.org/10.1016/s2468-2667(20)30079-7). Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2468-2667%2820%2930079-7>. Acesso em: 11 abr. 2020.

JESUS, Diego Santos Vieira de. O Brasil no BRICS, segundo a Folha de S. Paulo e O Globo (2011-2013). **Aurora: revista de arte, mídia e política**, v. 20, n. 7, p.51-81, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/20053>. Acesso em: 14 de maio 2020.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. **Atas – Investigação Qualitativa na Educação**, v. 2, p. 243-247, 2015. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/issue/view/4>. Acesso em: 11 de abr. 2020.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth; KESSLER, David. **On Grief and Grievining: Finding The Meaning of Grief Through The Five Stages of Loss**. New York: Scribner, 2005.

LEAKEY, Richard. **A Origem da Espécie Humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARTINS, Marize; LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-Terapia para os enfrentamentos das perdas e da morte. **Revista IGT na Rede**, v.11, n. 20, p. 3- 39, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/igt/v11n20/v11n20a02.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MEDEIROS, Samara Lênis Araújo et al. Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 41, p. 579-581, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-32832012000200022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v16n41/a22v16n41.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine dos Campos. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, 2012. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.38585>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585>. Acesso em: 11 abr. 2020.

NETTO, José Valdeci Grigoletto. As fases do luto de acordo com Elisabeth Kübler-Ross. **Anais Eletrônico IX EPCC**, n. 9, p. 4-8, 2015. Disponível em: http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2015/anais/Jose_Valdeci_Grigoletto_Netto_2.pdf. Acesso em: 11 abr. 2020.

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arqui-vos/C03-art06.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 23 mai. 2020.

ORNELL, Felipe et al. Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal Of Psychiatry**, v. 42, n. 3, p. 232-235, jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v42n3/1516-4446-rbp-1516444620200008.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

PAPALIA, Diane; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Dustin. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

QIU, Jianyin *et al.* A nationwide survey of psychological distress among Chinese people in the COVID-19 epidemic: implications and policy recommendations. **General Psychiatry**, v. 33, n. 2, p. e100213, 2020. <http://dx.doi.org/10.1136/gpsych-2020-100213>. Disponível em: <https://gpsych.bmj.com/content/33/2/e100213>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SANTOS, Gabriela Casellato Brown Ferreira. Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 2, n. 3, p. 116-137, 2019. <http://dx.doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.116-137>. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/8152>. Acesso em: 13 oct. 2020.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/0>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. 1-7, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100509&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 abr. 2020.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VIORST, Judith. **Perdas Necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

WALLACE, Cara L. *et al.* Grief During the COVID-19 Pandemic: considerations for palliative care providers. **Journal Of Pain And Symptom Management**, v. 60, n. 1, p. 70-76, 2020. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>. Disponível em: [https://www.jpasmjournal.com/article/S0885-3924\(20\)30207-4/fulltext](https://www.jpasmjournal.com/article/S0885-3924(20)30207-4/fulltext). Acesso em: 11 abr. 2020.

WORDEN, J. William. **Grief counseling and grief therapy: a handbook for the mental health practitioner**. New York: Springer, 2018.